



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**  
**TEOLOGIA**

**Romário da Rocha Cunha**

**Metodologia da ação evangelizadora no Magistério do Papa Francisco: Um estudo a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**São Paulo**  
**2024**



PUC-SP

**Pontifícia Universidade Católica De São Paulo**  
**Faculdade Nossa Senhora da Assunção**

**Romário da Rocha Cunha**

**Metodologia da ação evangelizadora no Magistério do Papa Francisco: Um estudo a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***

Trabalho final apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em **Teologia**, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva.

**São Paulo**

**2024**



PUC-SP

**Romário da Rocha Cunha**

**Metodologia da ação evangelizadora no Magistério do Papa Francisco: Um estudo a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***

Trabalho final apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em **Teologia**, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Pe. Dayvid da Silva – (orientador) PUC-SP

---

(Dr.) Nome Completo – Sigla da Instituição

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e a minha família, meu pai Renildo Cunha e minha mãe Luzia Aparecida da Rocha, além dos meus irmãos, Bianca Aparecida da Rocha Cunha, Beatriz Adelina da Rocha Cunha e Leandro da Rocha Cunha.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, expresso minha gratidão, especialmente aos meus professores de graduação, que se dedicaram a ensinar. Ao meu formador da casa de Teologia Pe. Rudnei Sertório onde estendo meu agradecimento aos demais formadores e seminaristas, especialmente aos meus irmãos e amigos de turma André Lucas Chaves, Bruno Xavier Biazutti, Eduardo Barbosa Pereira, Joel dos Santos Machado, Thiago Batista da Silva e Victor Pereira Guimarães. Ao diretor de estudo Pe. Rafael Capelato, pela ajuda e incentivo, e aos meus colegas de graduação Erick Bryan e Joseilmo Barbosa.

Agradeço ao Bispo Diocesano, Vossa Excelência Reverendíssima Senhor Dom Pedro Carlos Cipollini, pela oportunidade de estar aqui e finalizar mais uma etapa do processo de formação. Ao professor Dr. Pe. Dayvid da Silva, pela orientação, pelo aprendizado e pelo auxílio em todos os momentos necessários para o desenvolvimento desta monografia.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e fazem parte da minha caminhada de fé.

*“Vós sois todos irmãos”* (Mt 23, 8)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer critérios para compreender a metodologia da ação evangelizadora, a partir de uma análise da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Este estudo tem como objetivo orientar a evangelização da Igreja em nosso tempo. A metodologia de ação evangelizadora do Papa Francisco fornece um referencial prático para a conversão pastoral. A Igreja, atualmente, enfrenta diversas dificuldades para transmitir a fé às novas gerações. Ao analisar a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, é possível notar método, cujo objetivo formal é a Igreja e seu compromisso evangelizador e missionário. O presente documento tem objetivo incentivar a postura permanente de missão, de uma “Igreja em saída”, e o compromisso com a evangelização eficaz e concreta. A estrutura da Exortação Apostólica segue a perspectiva do método *ver-julgar-agir*. A Exortação Apostólica tem como objetivo estabelecer uma comunicação aberta com o mundo e uma inserção na realidade, sob a perspectiva da misericórdia, para uma nova evangelização.

**Palavras-chave:** Metodologia, Ação Evangelizadora, Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*.

## ***ABSTRACT***

This work aims to establish criteria for understanding the methodology of evangelizing action, based on an analysis of the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*. This study aims to guide the evangelization of the Church in our time. Pope Francis' methodology of evangelizing action provides a practical reference point for pastoral conversion. The Church currently faces various difficulties in transmitting the faith to new generations. When analyzing the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, it is possible to notice a method whose formal objective is the Church and its evangelizing and missionary commitment. The aim of this document is to encourage a permanent attitude of mission, of a "Church going forth", and a commitment to effective and concrete evangelization. The structure of the Apostolic Exhortation follows the perspective of the *see-judge-act* method. The Apostolic Exhortation aims to establish an open communication with the world and an insertion into reality, from the perspective of mercy, for a new evangelization.

**Keywords:** Methodology, Evangelizing Action, Pope Francis, *Evangelii Gaudium*.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	<i>Amoris Laetitia</i> , Exortação Apostólica sobre o amor na família, Papa Francisco.
CEBs	Comunidade Eclesial de Base.
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
DAp	Documento de Aparecida.
DP	Documento de Puebla.
DV	<i>Dei Verbum</i> , Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. Concílio Vaticano II.
EG	<i>Evangelii Gaudium</i> , Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco.
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> , Exortação Apostólica sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo, Papa Paulo VI.
FT	<i>Fratelli tutti</i> , Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a amizade social, Papa Francisco.
GS	<i>Gaudium et Spes</i> , Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Concílio Vaticano II.
IM	<i>Inter Mirifica</i> . Decreto sobre os meios de comunicação social, Papa Paulo VI.
LG	<i>Lumen Gentium</i> , Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II.
LS	<i>Laudato Si</i> , Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum, Papa Francisco.
MV	<i>Misericordiae Vultus</i> , Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Papa Francisco.
RMi	<i>Redemptoris Missio</i> , Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário, João Paulo II.
SD	Santo Domingo.
TL	Teologia da Libertação.
TP	Teologia do Povo.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>1. AS FONTES DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO.</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1. O Concílio Ecumênico Vaticano II.</b> .....	13
1.1.1. Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes.</i> .....	15
<b>1.2. Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi.</i></b> .....	18
<b>1.3. O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM): Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).</b> .....	19
1.3.1. A I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Rio de Janeiro, 1955.....	20
1.3.2. A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Medellín, 1968. ....	21
1.3.3. A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Puebla, 1979. ....	22
1.3.4. A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Santo Domingo, 1992. ....	23
1.3.5. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Aparecida, 2007. ....	25
<b>1.4. A Teologia do Povo.</b> .....	28
<b>1.5. Considerações parciais.</b> .....	30
<b>2. METODOLOGIA DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA <i>EVANGELII GAUDIUM.</i></b> .	<b>31</b>
<b>2.1. O método teológico-pastoral de Francisco.</b> .....	32
<b>2.2. A Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> e seu método teológico.</b> .....	34
2.2.1. O primado da misericórdia e da alegria. ....	36
2.2.2. Uma saída missionária: sair para se fazer próximo dos outros. ....	38
2.2.3. A cultura do encontro. ....	40
2.2.4. O anúncio do Kerigma e o testemunho pessoal. ....	42
2.2.5. As transformações sociais e a justiça. ....	44
<b>2.3. A Sinodalidade.</b> .....	45

2.4. Considerações parciais.....	47
<b>3. A AÇÃO EVANGELIZADORA E AS QUESTÕES QUE PERMEIAM NOSSO TEMPO. ....</b>	<b>49</b>
3.1. Pluralismo religioso. ....	54
3.1.1. O diálogo inter-religioso.....	55
3.2. Secularização.....	57
3.2.1. Tecnologia e os meios de comunicação digital.....	59
3.3. Fraternidade Universal.....	62
3.4. Considerações Parciais. ....	65
<b>Considerações finais.....</b>	<b>67</b>
<b>Referências .....</b>	<b>69</b>

## Introdução

“Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8).

À luz da passagem do evangelho segundo Mateus, apresentaremos o trabalho final de conclusão de curso, com o objetivo de estabelecer critérios para compreender a metodologia da ação evangelizadora, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Ao trabalhar em três capítulos, é possível compreender de forma breve o vasto programa do Magistério do Papa Francisco. Ele apresenta um exemplo concreto de uma conversão pastoral-missionária, missionária e uma “Igreja em Saída”, o grande sonho do Concílio Vaticano II.

No primeiro capítulo, é relevante ir às fontes para compreender o Concílio Vaticano II, que marcou a renovação da Igreja entre 1962-1965 e teve como objetivo promover uma nova mentalidade aberta ao *diálogo* com o mundo contemporâneo, e uma renovação interna, sob a ótica do *aggiornamento*. É importante salientar a relevância da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, documentos relevantes para este período de reflexão sobre a relação da Igreja com o mundo. A *Gaudium et Spes*, por sua vez, surgiu nas seções do Concílio e a *Evangelii Nuntiandi*, que enfatiza a relevância da evangelização.

As Conferências do Celam, por sua vez, desde a primeira realizada no Rio de Janeiro, em 1955, até Aparecida, em 2007, enfatizam uma visão central da Igreja na América Latina, marcada pelo diálogo com a realidade e a sociedade, com o objetivo de se comprometer com a evangelização e denunciar as injustiças contra o povo. Para finalizar, analisaremos as implicações da Teologia do Povo, desenvolvida sobretudo na Argentina, sobre o Magistério do Papa Francisco, que tem como objeto apontar para a unidade do povo, apesar dos conflitos sociais e da busca por novos impulsos para a mudança. O Magistério de Francisco é uma mudança de paradigma, com uma abordagem pastoral e teológica centrada na justiça e na dignidade da pessoa humana, valorizando a “mística popular” como um local privilegiado para a evangelização da cultura local e para promover métodos inovadores e válidos para alcançar o objetivo de sair de si e se tornar uma Igreja que se abre para todos.

O segundo capítulo tem como objetivo compreender o conceito de método, com base na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. O objetivo é apresentar abordagens mais concretas e autênticas do Papa, de acordo com a realidade atual, que apresenta desafios e que esperam da Igreja métodos mais eficazes de evangelização. Em primeiro lugar

analisaremos a eleição de Jorge Mario Bergoglio e a escolha do seu nome como Francisco, uma vez que essa escolha é crucial para compreender o método teológico-pastoral que se baseia no Concílio Vaticano II e nas Conferências Latino-americanas e que está aberta ao mundo através do *diálogo* e do *aggiornamento* para viver a fé da Igreja no mundo atual. Dessa forma, é necessário ir à fonte do seu documento, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, para compreender a metodologia a partir da análise do primado da misericórdia e da alegria; uma saída missionária para se fazer próximo; a cultura do encontro; o anúncio do *Kerigma*, o testemunho pessoal; as transformações sociais e a justiça e a Sinodalidade.

O terceiro capítulo tem como objetivo analisar os desafios que nos são apresentados atualmente, de forma a encontrar caminhos que nos auxiliem a superar o individualismo, partindo desta metodologia para uma ação efetiva e autêntica da Igreja, uma “Igreja em saída”, que se encontra, compreende sua realidade e se faz proclamadora da Boa Nova do Reino, através da realidade atual. É importante salientar, neste terceiro capítulo, os desafios apresentados ao nosso tempo de forma clara e objetiva, ressaltando pontos relevantes para ao nosso tempo. Os desafios para o presente século são amplos, mas podemos de forma mais objetiva abordar temas como o pluralismo religioso; o diálogo inter-religioso; a secularização; as tecnologias e os meios de comunicação digital, de modo a criar uma fraternidade universal que atenda às necessidades de superar as divisões, buscando a unidade e solidariedade.

A partir do método teológico-pastoral de Francisco, podemos, de forma simplificada, compreender o caminho para o avanço da Igreja na evangelização. Em nossa realidade, é possível encontrar uma ação que seja eficaz e capaz de superar o *autorreferencialíssimo*. O evangelho revela a alegria que brota do coração de Deus, reconhecendo a dignidade de todos, dando a entender que todos somos irmãos e irmãs.

## 1. AS FONTES DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO.

Ao tratarmos do Magistério do Papa Francisco, é necessário apresentar uma visão sintética dos antecedentes históricos e de suas fontes. Podemos, de fato, interpretar como “fonte” do magistério do Papa Francisco o Concílio Vaticano II, as Conferências do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano) e a Teologia do Povo. O Magistério do Papa Francisco abrange uma grande variedade de temas que incluem questões sociais, éticas, morais, econômicas, ambientais e religiosas. Podemos perceber que o Papa Francisco bebe de grandes fontes da Tradição e do Magistério.

Francisco assume a tradição do Concílio Vaticano II e das Conferências do Episcopado que se seguiram, com um magistério profético, inovador e radical. Dois documentos fundamentais para a compreensão são: a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, e a Carta Encíclica *Laudato Si* apresenta uma nova “metodologia” no magistério da Igreja (RICHARD, 2019, p.106). Ao considerarmos o magistério do Papa Francisco como uma continuidade e interpretação do legado do Concílio Vaticano II, é crucial compreendermos o contexto histórico e as aspirações desse concílio e as conferências até a compreensão de Teologia do Povo.

### 1.1. O Concílio Ecumênico Vaticano II.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o evento mais importante da Igreja no século XX. O Concílio teve como objetivo a renovação de toda a Igreja. Representou “uma nova perspectiva para o diálogo com o mundo moderno” (MANZINI, 2013, p.213). O 21º Concílio Ecumênico da história da Igreja ocorreu no dia 11 de outubro de 1962, convocado pelo Papa João XXIII (1958-1963), na cidade do Vaticano, com o “objetivo principal de realizar, atualizar e renovar a Igreja, de modo a se adaptar às grandes mudanças e desafios” (MATTEI, 2013, p.167). Em diversas ocasiões, João XXIII afirmou que “a ideia de um concílio nascia de uma inspiração do Espírito Santo” (SOUZA, 2014, p.70). O Pontífice expressou a esperança de que o Concílio possibilitasse à Igreja “enfrentar o futuro sem medo” e rejeitou incisivamente as vozes dos que “nos tempos modernos nada veem além de prevaricação e ruína” (O’MALLEY, 2014, p.109). O Concílio tinha a esperança de alcançar algo novo. De acordo com Souza,

No discurso de abertura, o papa reafirma a sua finalidade: aproximar as pessoas, no modo mais eficaz possível, ao sagrado patrimônio da tradição, levando em consideração as mudanças das estruturas sociais; não condenar os erros, mas mostrar a “validade da doutrina” da Igreja (SOUZA, 2020, p.373).

Segundo Souza (2014, p.75), durante o “Pentecostes de 1960, o *motu proprio Superno Dei nutu* concedeu ao concílio o título de Vaticano II, estabelecendo dez comissões de trabalho e dois secretariados”. O Papa iniciou as preparações na Basílica de São Pedro. É importante que compreendamos os objetivos do concílio de forma clara, pois o Papa nos convida a encarar com confiança as relações entre a Igreja e o mundo.

João XXIII tem a intenção de promover um novo Pentecostes na Igreja (BOGAZ, 2015, p.7). A missão principal do Concílio era a de preservar o Magistério da Igreja e ensiná-lo da melhor forma possível (MATTEI, 2013, p.169). No seu primeiro discurso, o Papa disse que o Concílio Vaticano II tinha como objetivo “modernizar” a Igreja e “confrontar” a percepção de que a instituição eclesiástica estava ameaçada diante de um mundo, que era visto como um ambiente hostil. A Igreja, por muitos séculos, deu as costas para tudo que era considerado como “mundano” (BELLITTO, 2016, p.179). Consequentemente,

Em sua mensagem radiofônica do último dia 11 de setembro, antes da abertura do Concílio, João XXIII insistiu em dois pontos: primeiro a paz. Ninguém quer a guerra. Todos desejam ardentemente a paz, sobretudo a Igreja, que é a mãe de todos (...). Depois, a justiça social. A doutrina da recente encíclica *Mater et Magistra* mostra como o mundo de hoje tem necessidade da Igreja para denunciar as injustiças e as desigualdades econômicas, restaurar uma verdadeira ordem social de acordo com os princípios evangélicos e tornar a vida humana mais digna do ser humano (CATÃO, 1998, p.37).

A ideia predominante de João XXIII de uma renovação interna da Igreja implicava o aumento do diálogo entre seus membros, o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso, o que resultaria numa maior compreensão das diferentes crenças religiosas. O diálogo, ao longo do Concílio, será denominado “*colegialidade*” (LIBANIO, 2005, p.72). João XXIII deixou bem claro o caminho que o concílio deveria seguir (BELLITTO, 2016, p.179).

O Concílio Vaticano II, tende em direção à abertura ao “*diálogo*” (comunhão, corresponsabilidade, participação), e ao “*aggiornamento*” (atualização, renovação, rejuvenescimento, diaconia, serviço), que marca a mudança de direção da Igreja, não como uma ruptura, mas como uma continuidade da Tradição e da fé da Igreja. O *aggiornamento* é o modo como João XXIII compreendeu a reforma da Igreja. Ao fazê-lo, ele pretendia criar uma Igreja que estivesse totalmente integrada à atualidade, à modernidade. É uma questão de pensar o modo de agir da Igreja (LIBANIO, 2005, p.72).

Segundo Souza (2019, p.69), “o Concílio Vaticano II impulsou a Igreja a acelerar seu processo de *aggiornamento*”. Para a Igreja, os concílios são extremamente importantes, pois são eventos extraordinários que surgem da preocupação pastoral da Igreja e ocorrem em um contexto social e histórico específico (ALMEIDA, 2015, p.8). Libanio disse que,

A intuição do *aggiornamento* se ancora na experiência pessoal de João XXIII de ter percebido como as verdades, os valores sofrem um processo histórico de continuidade em seu núcleo e de mudança em suas formulações e expressões conforme o momento cultural [...] *aggiornamento* não traduziu uma simples modernização externa da instituição eclesial, mas uma profunda reformulação da compreensão da Igreja a partir do embate com o mundo moderno (LIBANIO, 2005, p.73).

Desde o início, João XXIII havia classificado o Concílio Vaticano II como um concílio “pastoral”, cujo objetivo era se diferenciar dos concílios gerais que o antecederam (BELLITTO, 2016, p.174). O Concílio também buscou promover uma renovação na liturgia da Igreja, para que os fiéis pudessem compreender e participar de forma ativa. A renovação teológica pretende esclarecer certos aspectos da teologia no que diz respeito à Sagrada Escritura e à Tradição, bem como a natureza do que entendemos por “Povo de Deus”. O Concílio procura enfatizar a relevância da renovação moral e espiritual dos fiéis, buscando reconhecer o papel dos leigos na vida da Igreja, suas relações com o mundo e uma abertura positiva às questões contemporâneas e sociais.

O evento conciliatório teve dois grandes nomes: João XXIII, que faleceu logo após a primeira sessão do Concílio, aos 82 anos, e Paulo VI (1963-1978), que o substituiu. O Papa Paulo VI teve a grande tarefa de continuar o concílio, embora com uma tônica diferente (SOUZA, 2020, p.382-383), manteve o tom pastoral empregado por João XXIII (GOMES, 2014, p.99).

De acordo com Gomes (2014, p.84), os papas, João XXIII e Paulo VI encontrava-se em um contexto multicultural, “marcado pela divisão política entre duas grandes potências: os Estados Unidos e a União Soviética, detentoras de grandes usinas nucleares e poder econômico, e estavam sob a ameaça de um iminente fim dos tempos”. O Concílio Vaticano II foi solenemente encerrado em 08 de dezembro de 1965, com a carta apostólica *In Spiritu Sancto* do papa Paulo VI (SOUZA, 2020, p.388).

#### 1.1.1. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

Em 7 de dezembro de 1965, foi promulgada a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), uma das quatro grandes Constituições surgidas do Concílio Vaticano II. Ela traçou um plano para uma Igreja que deseja “transcender” os limites dos muros do Vaticano. O velho desafio de “estar no mundo” sem “ser do mundo” como é mencionado em João 17, 11-18 (MANZINI, 2013, p.215).

Bellito (2016, p.184) destaca que a Constituição GS é considerada o documento mais importante produzido pelo Concílio Vaticano II, uma vez que aborda a relação da Igreja com o

mundo moderno. A *GS* é considerada uma reflexão crítica que a Igreja fez sobre sua missão (MANZINI, 2013, p.218). Gonçalves (2015, p.395) aponta que o clima do Concílio foi influenciado pelo contexto histórico mundial contemporâneo, influenciado pelas duas guerras mundiais e pelos regimes totalitários. A forma como a Igreja se manifesta na América Latina é uma consequência da eclesiologia estabelecida pelo Concílio Vaticano II, especialmente na relação entre a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes* (PRATES, 2007, p.6).

Diante das vicissitudes e dos eventos de seu tempo, a Igreja é chamada a estabelecer uma relação de diálogo, ouvindo o mundo, compreendendo seus desafios, suas bênçãos e seus caminhos de esperança. Além disso, tem como missão difundir a mensagem do Evangelho, que é Cristo, cuja obra é a “redenção e a salvação” (GONÇALVES, 2015, p.399). A *GS* enfatiza a responsabilidade dos fiéis e das comunidades eclesiais na promoção do diálogo entre as pessoas, ressaltando a importância de manter viva a esperança na construção de um mundo mais fraterno, justo e pacífico, tendo como objetivo final a plena comunhão com Deus (GONÇALVES, 2015, p.397). A *GS* demonstra a relação da Igreja com o mundo através da articulação entre mistério e história, mantendo a Tradição, que também está confirmada nas Constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum*, nas quais a história é o campo da revelação do mistério trinitário de Deus (GONÇALVES, 2015, p.398). Portanto,

Esta Constituição, por sua vez, corrobora e complementa a Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, à medida que confirma a concepção da Igreja como mistério de comunhão e sacramento de salvação universal na sua relação com o mundo contemporâneo (GONÇALVES, 2015, p.395).

A *GS* coloca a Igreja no mundo em um clima de mútuo reconhecimento, respeito e espírito dialógico, o que a impulsiona a agir no mundo com espírito de alegria e esperança, servindo com generosidade e promovendo a unidade e a paz entre todos os povos (GONÇALVES, 2015, p.399). O documento apresenta de forma construtiva a importância da esperança e da alegria no contexto da fé. Em vez de ignorar essas mudanças significativas, o documento orienta a Igreja a encerrar essas mudanças como oportunidades de evangelização e de santidade (BELLITTO, 2016, p.185).

A constituição pastoral *GS* é uma das principais declarações visando abordar a dignidade humana, a justiça e a paz no meio dos grandes desafios das grandes mudanças que estavam ocorrendo naquele momento. A modernidade poderia ajudar a Igreja e a Igreja poderia ajudar a modernidade, uma vez que o intercâmbio entre as duas beneficiaria a ambas (BELLITTO, 2016, p.185). É possível afirmar que:

A constituição pastoral *Gaudium et Spes* inovou a metodologia teológica do magistério eclesial ao desenvolver a relação da Igreja com o mundo, analisando a realidade histórica do mundo contemporâneo, utilizando-se da mediação filosófica e científica, principalmente das ciências humanas (...). Ressalta-se que a utilização das ciências humanas e conseqüentemente o reconhecimento por parte da Igreja, de que a ciência possui fundamental valor no desenvolvimento humano, na compreensão da realidade do homem e do universo, e no processo de elaboração teológica (GONÇALVES, 2015, p.397).

A relação entre a Igreja e o mundo, entendida como “mistério de comunhão e sacramento de salvação universal” (GONÇALVES, 2015, p.399), reforça a importância da evangelização, enfatizando que a Igreja deve se comprometer com os valores e o anúncio do evangelho, bem como com a difusão da mensagem. A ação evangelizadora proposta pela GS deve ser realizada de forma ativa e criativa, adequando-se aos desafios contemporâneos. É crucial reconhecer a evangelização como uma missão central da Igreja, sem negligenciar sua relevância e urgência diante das necessidades espirituais e sociais do presente.

Esta Constituição Pastoral ainda é válida, para nossos dias. A abertura para o mundo moderno, através dos olhos do Bom Pastor em busca de suas ovelhas (LOPES, 2011, p.13). A Igreja tem consciência do pluralismo cultural e religioso, da necessidade de diálogo com toda a sociedade humana, especialmente com a ciência, para contribuir para “a dignidade da pessoa humana em sua integralidade” (GONÇALVES, 2015, p.399). Portanto,

Ainda que a constituição *Gaudium et Spes* não utilize explicitamente o termo *inculturação*, seu próprio espírito é de que a linguagem do anúncio e a ação pastoral produzam boa-nova na cultura moderna. Por isso, a metodologia de evangelização e de ação pastoral não é de imposição de um substrato linguístico e prático, mas de diálogo para que, em consenso com outrem, atender aos sinais dos tempos (GS, 4) e elevar o gênero humano à unidade e à paz (GONÇALVES, 2015, p.399).

A GS evoluiu, reconhecendo a missão da Igreja, o anúncio da Boa Nova, para o qual a Igreja está se adaptando às suas realidades pós-Concílio Vaticano II, o testemunho, pelo qual os cristãos são incentivados a testemunhar a fé, segundo os valores do Reino a exemplo de Cristo. Outro aspecto relevante é o engajamento social, destacando as responsabilidades de cada indivíduo na Igreja e na sociedade, tendo em vista a dignidade humana e as ações pastorais.

É possível notar aspectos importantes na evolução da constituição, tais como o entendimento em relação à abertura ao diálogo com o mundo, reconhecendo, dessa forma, a missão da Igreja; o anúncio da Boa Nova, para o qual a Igreja está se adaptando às suas realidades pós-Concílio Vaticano II; e o testemunho, pelo qual os cristãos são encorajados a testemunhar a fé, conforme os valores do Reino a exemplo de Cristo. Outro aspecto relevante é o engajamento social, destacando assim as responsabilidades de cada indivíduo na Igreja e na sociedade, tendo em vista a dignidade humana e as ações pastorais.

A *GS* expressa a relação entre o homem e Deus no mundo, e, conseqüentemente, a interação da Igreja com o homem contemporâneo, visando contribuir para a realização do Reino de Deus (GONÇALVES, 2015, p.399). Ela representa uma grande mudança, que leva a Igreja de uma postura mais concretada em si para uma mais voltada para o mundo (LOPES, 2011, p.38). A *GS* é um fundamento sólido sobre o qual todos os fiéis, conscientes de seu compromisso batismal, devem construir o mundo desejado por Deus, apesar das mudanças em que os problemas fundamentais persistem, embora se manifestem de maneiras diferentes (MANZINI, 2013, p.238).

## **1.2. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.**

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (*EN*) foi promulgada por Paulo VI em 08 de dezembro de 1975. Embora não se concentre em questões sociais, a *EN* apresenta o evangelho como uma libertação e pede que seja assim proclamado (LOPES, 2011, p.27). O relatório do Sínodo dos Bispos de 1974, cujo tema central foi a evangelização no mundo contemporâneo, é considerado um dos grandes textos do pontificado de Paulo VI.

Conforme observado por Souza (2020, p.390), a *EN* oferece uma visão abrangente do trabalho evangelizador da Igreja na atualidade, chamando a atenção dos missionários para não limitarem a evangelização apenas à busca por promoção humana, ao progresso material e à libertação sociopolítica. A evangelização deve ser qualificada pela alegria e pela esperança, cuja transmissão deve ser manifesta na alegria do anúncio. A *EN* é uma referência relevante para a ação evangelizadora na Igreja, pois considera tanto a dimensão espiritual quanto a dimensão social da evangelização. Como segue:

No decorrer do Sínodo, muitas vezes os Bispos lembraram esta verdade: o próprio Jesus, “Evangelho de Deus”, foi o primeiro e o maior dos evangelizadores. Ele foi isso mesmo até o fim, até a perfeição, até o sacrifício da sua vida terrena (...) Evangelizar: Qual o significado que teve para Cristo este imperativo? Não é fácil certamente exprimir, numa síntese completa, o sentido, o conteúdo e os modos da evangelização, tal como Jesus a concebia e a pôs em prática (*EN*, 7).

A *EN* apresenta os pobres como destinatários privilegiados da evangelização (*EN*, 6), como um sinal da presença do Reino (*EN*, 12), assim como aqueles que têm sede de Deus (*EN*, 48), como servidores das comunidades de base (*EN*, 58) e como servidores da evangelização (*EN*, 76). A missão de evangelização é de responsabilidade de todos os membros da Igreja, que representam o povo de Deus. Essa missão requer que a Igreja esteja profundamente envolvida com as realidades humanas concretas, tendo em vista as dimensões históricas e culturais (SOUZA, 2020, p.391). Dessa forma,

O empenho em anunciar o evangelho aos homens do nosso tempo, animados pela esperança, mas, ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvidas alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda humanidade (EN, 1).

A Exortação Apostólica teve uma grande influência significativa na forma como a Igreja abordava a evangelização e ainda hoje percebemos sua influência no magistério atual, sendo um importante referencial para discussões sobre o enfrentamento da evangelização no mundo. A Igreja é a responsável pela Boa Nova e tem a responsabilidade de pronunciá-la. O Concílio Vaticano II reforçou essa missão e, posteriormente, o Sínodo de 1974 reforçou o tema em questão: “a Igreja que se evangeliza constantemente por meio de uma conversão e renovação contínuas, com o propósito de evangelizar o mundo de maneira crível” (EN, 15).

A evangelização não se limita à dimensão religiosa, mas também envolve a promoção da justiça e dos direitos humanos. A atenção aos pobres e marginalizados é parte essencial da evangelização, o que inclui o cuidado e o serviço aos necessitados, a formação de lideranças capacitadas, o fortalecimento da fé e uma espiritualidade que se desenvolve da partilha da vida de oração e contemplação, uma metodologia essencial para uma ação evangelizadora.

### **1.3. O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM): Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).**

Antes do Concílio Vaticano II, a Igreja latino-americana e caribenha espelhava em grande parte o modelo eclesial e eclesiológico da cristandade medieval, que perdurou do século IV ao XX (PRATES, 2007, p.8). O surgimento do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), conforme observado por Godoy (2015, p.95), foi motivado pelo espírito colegial de diversos bispos, que desde o início da ocupação do novo mundo pelos ibéricos, perceberam a necessidade de unir esforços evangelizadores para enfrentar os grandes desafios e complexos do continente. As Conferências realizadas são distintivas pela ênfase na reflexão pastoral (SOUZA, 2008, p.128). Elas também evidenciam um anseio por discernir o caminho evangelizador, o que ocorre por meio do diálogo entre a realidade vivida e as verdades reveladas (AMADO, 2018, p.69). Como Souza explica,

Sob o influxo do Concílio Vaticano II, de diálogo com seu tempo, a Igreja Latino-americana construiu seu próprio caminhar, vendo, julgando e agindo na realidade, a partir do evangelho, onde percebeu que seu maior interlocutor contemporâneo era o pobre e assim optou em se fazer pobre com os pobres, como forma de comunhão com o projeto do Reino de Deus de ser sal da terra e luz do mundo, fazendo a diferença numa sociedade explorada e alienada das causas sociais, bem como se tornava companheira de lura dos demais protagonistas (SOUZA, 2008, p.138).

Conforme destacado por Prates (2007, p.8), a I Conferência do Rio de Janeiro evidenciou uma preocupação eclesial voltada para questões concretas do nosso continente. Em Medellín, ocorreu uma espécie de novo Pentecostes, no qual o Espírito Santo iniciou uma renovação em sintonia com as diretrizes já determinadas pelo Concílio Vaticano II. As conferências pretendem estabelecer diretrizes “reguladoras”, em conformidade com o próprio Evangelho.

### 1.3.1. A I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Rio de Janeiro, 1955.

Pio XII (1876-1958) convocou a I Conferência do Episcopado Latino-Americano e caribenho. O Papa fez-se presente através do Cardeal Piazza, que presidiu a Conferência. Esta Assembleia do episcopado foi a primeira desde o Concílio Plenário de 1899 (SOUZA, 2022, p.380). A I Conferência ocorreu no período de 25 de junho a 4 de agosto de 1955, na cidade do Rio de Janeiro (GODOY, 2015, p.96). Esta I Conferência foi fundamental para solidificar o CELAM como uma organização influente e unificadora para a Igreja. O CELAM teve sua fundação em 1955, antes do acontecimento da primeira Conferência, fruto da união e esforço de diversos bispos latino-americanos.

De acordo com Souza (2008, p.130), a Conferência Geral do Rio de Janeiro teve como tema central “a evangelização como defesa da fé, das vocações e preparação do clero”. É interessante observar que, no seu nascimento em 1955, o CELAM não contou com o apoio total do clero latino-americano, que o via mais como um órgão de controle e centralização das ações da Igreja do que um instrumento verdadeiramente colegial entre as Igrejas (GODOY, 2015, p.97). No entanto, a Conferência demonstrou a sua preocupação com “os aspectos da vida *intraeclesial* na América Latina” (SOUZA, 2008, p.131). Segundo Souza (2008, p.130), a Conferência foi organizada em “sete comissões de estudo” visando refletir sobre os seguintes temas:

Clero e auxiliares do clero (religiosos); organização e meios de apostolado; protestantismo e outros movimentos anticatólicos; atividades sociais católicas; missões; indígenas e pessoas de cor; imigração e gente do mar (SOUZA, 2008, p.130).

De acordo com Souza (2008, p.131) “a Conferência confirma que a necessidade mais urgente da América Latina é um trabalho ardente, incansável e organizado em prol das vocações sacerdotais e religiosas, através de uma intensa e perseverante campanha vocacional”. No

entanto, é importante lembrar e valorizar os leigos, especialmente aqueles que estão envolvidos na Ação Católica e outras associações.

### 1.3.2. A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Medellín, 1968.

A II Conferência do Episcopado Latino-Americano e caribenho foi inaugurada por Paulo VI durante o XXXIX Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Bogotá, em 24 de agosto de 1968 (SOUZA, 2008, p.132). O evento ocorreu entre os dias 26 de agosto e 6 de setembro de 1968 (SOUZA, 2019, p.70). Com o tema “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio” (SOUZA, 2008, p.132), a conferência aborda as três principais preocupações de Medellín: “promoção humana; evangelização e crescimento na fé; Igreja visível e suas estruturas”. Estas discussões resultaram em “16 documentos, dentro do horizonte dos três grandes temas” (SOUZA, 2008, p.133). Segundo Souza,

Medellín parte da realidade social, fazendo um estado atento da realidade econômica, política e social quanto eclesial do continente latino-americano e caribenho (ver). O segundo passo constitui em identificar as interpelações que brotavam da realidade, analisando-as à luz da palavra de Deus do Vaticano II e do magistério e da experiência de toda Igreja (julgar). O terceiro passo foi propor pistas de ação pastoral, visando transformar, no sentido do reino de Deus e da libertação dos pobres, a realidade atravessada por estruturas de pecado e pelo clamor e esperança dos pequenos (agir) (SOUZA, 2008, p.133).

Medellín está alinhado com as diretrizes previstas nas “duas Constituições do Concílio Vaticano II, a *Gaudium et Spes* e a *Lumen Gentium*, e está em consonância com a encíclica *Populorum Progressio*” (SOUZA, 2008, p.132-133). A conferência de Medellín foi realizada como parte do processo de implementação das diretrizes do Concílio Vaticano II, que promoveu uma abertura ao diálogo e à missão da Igreja. A II conferência representa, para o mundo, um evento emblemático de recepção do Vaticano II, apontando para o *aggiornamento* da Igreja no mundo (PASSOS, 2018, p.134).

Conforme Souza (2019, p.70-71), a ação evangelizadora deve imergir na realidade da população, especialmente das classes desfavorecidas, analisando-a com base na Palavra de Deus e traçando as suas diretrizes de ação, utilizando o método *ver, julgar e agir*. O impacto de Medellín é relevante não somente para a Igreja Latino-americana, mas também para uma perspectiva “teológico-pastoral da realidade da América Latina” que deve orientar toda a Igreja. Os seus efeitos nos próximos dez anos seguintes serão significativos para as comunidades, para a reflexão sobre a organização e estrutura das Igrejas locais e da vida religiosa, mas será um caminho conflituoso partindo de dentro do próprio CELAM.

De acordo com Souza (2008, p.134), o período em Medellín foi dominado pelas vozes proféticas. A formação e organização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), promovendo a integração da fé com a defesa da justiça na sociedade, garantindo que os direitos dos pobres fossem respeitados. Segundo Passos (2018, p.145), o evento se tornou paradigmático e produziu efeitos significativos na vida da Igreja, como um carisma renovador advindo diretamente do *aggiornamento* conciliar que lê “os sinais dos tempos à luz do evangelho” em cada geração.

Conforme apontado por Passos (2018, p.144), a II Conferência não apenas representou um “marco fundamental na experiência de Igreja continental, mas como um carisma vivo que chama a despertar a consciência e a atuação na realidade dos povos do continente”. Medellín foi, de fato, o ponto culminante de um novo paradigma teológico que emergiu no continente após o Vaticano II e, desde então, tornou-se o centro da atenção da teologia mundial e a frente mais evidente e exposta de conflitos com uma teologia oficial (PASSOS, 2018, p.134).

### 1.3.3. A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Puebla, 1979.

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e caribenho, ocorreu de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, na cidade de Puebla, Los Angeles, no México. Segundo Souza (2019, p.71), o pano de fundo para a conferência foi a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), do Papa Paulo VI. Embora o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín sejam relevantes para Puebla, não houve um envolvimento maior em relação a Medellín. O foco central da III Conferência foi a discussão sobre a “evangelização, no presente e futuro da América Latina”. A Igreja tem como missão e vocação a missão evangelizar (EN, 14). A sua “missão fundamental é evangelizar hoje, com olhos abertos para o futuro” (DP, 40; 48).

A Conferência, embora originada na América Latina, receberá sua aprovação oficial em Roma (SOUZA, 2019, p.71). O documento final de Puebla foi estruturado em cinco partes, quatorze capítulos e 1310 números. É relevante observar que as conclusões de Puebla incorporam textos significativos da história da Igreja, incluindo o “Concílio Vaticano II (com 171 citações), Medellín (31), documentos de Paulo VI (142) e João Paulo II (95)” (SOUZA, 2019, p.79).

Segundo Souza (2019, p.80), o período entre Medellín e Puebla foi caracterizado por “injustiças econômicas, repressões políticas, conflitos na sociedade civil e disputa de poder no interior da instituição eclesiástica, mas a beleza da fé através da religiosidade popular permeia

toda a América Latina”. O tema central de Puebla foi a “evangelização, com as CEBs sendo um dos modelos propostos para ação evangelizadora” (SOUZA, 2008, p.136). A evangelização é o ministério de todos os cristãos (RICHARD, 2019, p.104).

Para Souza (2008, p.136), é destacado que para alcançar uma verdadeira e autêntica ação evangelizadora de libertação dos povos latino-americanos, a Igreja precisa estar constantemente imbuída do espírito de comunhão e participação. Além disso, conforme enfatizado em “Puebla, os setores mais necessitados de evangelização foram a família (especialmente a mulher), a juventude, os camponeses, o mundo operário, os afro-americanos e os meios de comunicação social”. A conferência de Puebla não buscou corrigir as orientações pastorais apresentadas por Medellín (SOUZA, 2022, p.564). Ao contrário do que ocorreu em Medellín, contudo, “o tema da libertação também esteve presente em Puebla, com uma ênfase maior na libertação da opressão, para a comunhão e participação” (SOUZA, 2008, p.137).

De acordo com Souza (2008, p.137), em Puebla, foi apresentado a visão de uma “Igreja-sacramento de comunhão”, uma “Igreja-servidora”, uma “Igreja missionária” que anuncia com alegria ao homem contemporâneo. Essa Igreja é vista como parte integrante do processo de evangelização, que deve se comprometer com a libertar todos os seres humanos. A Igreja deve ajudar na construção de uma nova sociedade, manifestando “total fidelidade a Cristo e à humanidade”, através da ação do Espírito Santo. Isso implica “denunciar situações de pecado e convocar à conversão para uma ação transformadora no mundo”.

#### 1.3.4. A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Santo Domingo, 1992.

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Santo Domingo, República Dominicana, ocorreu em 1992. Este evento eclesial ocorreu em um momento de significativa transformação e tensão na Igreja. O CELAM foi encarregado pelo Papa João Paulo II (1920-2005) de coordenar os preparativos para esta conferência (SOUZA, 2022, p.567). Um dos pilares da Conferência foi a reflexão sobre os 500 anos de evangelização e conquista das Américas.

Segundo Souza (2022, p.568), apesar das críticas apresentadas, esta conferência deu o tom para Santo Domingo, um local emblemático, pois foi aí que se iniciou o processo mais brutal de colonização ibérica nas Américas. A preparação para Santo Domingo ainda não tinha nascido sob a tensão dos 500 anos do encontro de dois mundos. Ainda há divergências em

relação à Medellín nos aspectos metodológicos e teológicos. O método *ver, julgar e agir* foi descontinuado. Evidentemente, isto acarretará consequências para a pastoral (SOUZA, 2022, p.569).

De acordo com Souza (2022, p.570), os trabalhos foram bastante desafiadores, uma vez que os setores romanos presentes, além de impedirem o pedido de perdão por parte de alguns bispos, vetaram formalmente a utilização do método *ver, julgar e agir*, tão comum nos documentos pastorais e teológicos da Igreja Latino Americana. A conferência, de acordo com João Paulo II, em seu discurso, vai manifestar seus deveres sobre o conjunto de “três elementos doutrinários e pastorais, que constituem as três bases da nova evangelização: Cristologia, Eclesiologia e Antropologia” (SOUZA, 2022, p.571).

O documento final é composto por “três partes: 1) Jesus Cristo, Evangelho do Pai; 2) Jesus Cristo, evangelizador vivente em sua Igreja; 3) Jesus Cristo, Vida e Esperança da América Latina e do Caribe” (SOUZA, 2022, p.571-572). A Conferência de Santo Domingo apresenta uma eclesiologia e missiologia que está presente em continuidade e descontinuidade com “Medellín e Puebla, que marcou profundamente a Igreja Latino-Americana e caribenha com uma nota de libertação” (SOUZA, 2008, p.138). A Conferência é caracterizada por dois horizontes fundamentais:

Do *modus operandi* da caminhada do povo de Deus, marcados pela comunhão e missão, onde ambas se retroalimentam (*eclesiologia e missiologia*). Sobre o influxo do Concílio Vaticano II, de diálogo com seu tempo, a Igreja Latino-Americana construiu seu próprio caminhar, *vendo, julgando e agindo* na realidade, a partir do Evangelho, onde percebeu que seu maior interlocutor contemporâneo era o empobrecimento e assim optou em se fazer pobre com os pobres, como forma de comunhão com o projeto do Reino de Deus de ser sal da terra e luz do mundo (SOUZA, 2008, p.138).

Para Souza (2022, p.573-574), “a nova eclesiologia reflete os contornos de um novo pontificado, o de João Paulo II, que se empenhava em reavivar a experiência cristológica da fé, resgatando na humanidade a ética exemplar e evidente de Jesus de Nazaré, bem como sua revelação misteriosa e não revela”. Nesse contexto, a Tradição da Igreja assumiu a responsabilidade de “salvaguardar o *depositum fidei*”, revelando a verdadeira face de Cristo em meio a um momento cultural e histórico multifacetado e em constante mudança. O Concílio Vaticano II desencadeou uma verdadeira explosão missionária nas Igrejas, cada uma adaptando-se ao seu contexto específico, e, adicionalmente, com essa missão, surgiram novas formas de comunhão com Deus e com a humanidade, revelando assim “novos aspectos da face de Cristo”.

A conferência marcou o momento em que a *Nova Evangelização* assumiu um papel central na trajetória da Igreja Latino-Americana. Abordando o método *ver, julgar e agir*, optou-se por uma abordagem mais centrada na iluminação teológica, nos desafios pastorais e nas diretrizes pastorais, com uma preocupação maior em harmonizar a doutrina com a vida prática (SOUZA, 2022, p.574-575).

De acordo com Souza (2022, p.575-576), a missiologia está particularmente preocupada com “a falta de coerência entre os cristãos” (SD, 44), o que é apontado como uma das diversas causas que “contribuem para o empobrecimento do continente” (SD, 161). A presente conferência visa “evangelizar a partir de uma profunda experiência de Deus” (SD, 91), onde “a doutrina adquire sentido” (SD, 21) e, dessa forma, “é possível fazer da evangelização um trabalho de promoção humana e “inculturação” dos valores cristãos na sociedade” (SD, 31). Santo Domingo ainda destaca “o anúncio do evangelho, a “inculturação”, pois toda a cultura tem um modo de ser e de viver que deve ser iluminado pelos valores cristãos, pois Cristo é a medida de toda a humanidade” (SD, 231).

Segundo Souza (2022, p.577), a Conferência de Santo Domingo marcou a mudança na Igreja Latino-Americana, fortalecendo a hierarquia eclesial em detrimento da participação do povo de Deus. Isso resultou em um afastamento do compromisso social que caracterizou décadas anteriores. A conferência representou um encontro entre a Nova Evangelização e a Igreja, contendo os elementos necessários para uma postura crítica, típica de uma fonte eclesial, mas ao mesmo tempo preservando os elementos inspiratórios por Deus na vida da Igreja.

#### 1.3.5. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Aparecida, 2007.

A V Conferência de Aparecida é um marco eclesial significativo para a Igreja na América Latina, no contexto da sequência de eventos que inclui Medellín-Puebla-Santo Domingo. Estas três conferências do CELAM foram fundamentais no período pós-conciliar, buscando implementar uma proposta de renovação pelo Concílio Vaticano II (PRATES, 2007, p.5). Segundo Amado (2018, p.68), a singularidade de Aparecida reside no método de análise da realidade, que difere de Puebla. Puebla pensava no método *ver, julgar e agir* de acordo com a consciência teológica e pastoral da época. As críticas subsequentes sugeriram que esse método poderia condicionar a compreensão da Revelação, tornando-se dependente da perspectiva a partir da qual a realidade é observada. Por essa razão, em Santo Domingo optou-se por outro método para abordar a evangelização na América Latina.

Segundo Souza (2022, p.593), a V Conferência resgatou o método *ver-julgar-agir*, concebido por Joseph Cardijn, e que passou a ser adotado pelo magistério pontifício com o Papa João XXIII. A utilização desse método teológico, que leva em conta a leitura dos sinais dos tempos conforme previsto na Constituição Pastoral *GS* do Concílio Vaticano II, desempenha um papel crucial na análise da realidade da pobreza e da injustiça enfrentada pela “maioria dos povos latino-americanos e caribenhos no contexto da Conferência de Medellín”. De acordo com Brighenti (2022, p.170), desde o início de sua obra, J. Cardijn insiste na formação “pela ação”, o que implica a utilização dos três momentos ou passos do método - *ver-julgar-agir* – de forma dialética, associados a três momentos da metodologia, a três verdades fundamentais: uma verdade de “fé ou de destino” (tese; julgar), uma verdade “de experiência ou dos fatos” (antítese; ver) e uma verdade “de pastoral, de método ou de organização (síntese; agir).

Conforme Prates (2007, p.16-17), “o método *ver-julgar-agir* traz, em sua configuração mediadora para se ler o contexto histórico, um princípio indutivo que toca nas realidades concretas da vida do povo latino-americano-caribenho”. Dessa forma, “pode ser entendida como uma constante provocação para que a Igreja se volte sempre para essa realidade complexa, identificando-se, assim, com os pobres, os empobrecidos e os excluídos”.

“A Igreja é nossa casa!” – com essas palavras, o Papa Bento XVI (1927-2022) iniciou a conferência de Aparecida, enfatizando a importância de termos a fé fundamentada com base na doutrina e espiritual sólida (SOUZA, 2008, p.142). Em seu discurso de abertura, o Papa Bento XVI recordou o seguinte:

A fé em Deus animou a vida e a cultura destes povos durante cinco séculos. Do encontro desta fé com as etnias originárias nasceu a rica cultura cristã deste continente, manifesta na arte, na música, na literatura e sobretudo nas tradições religiosas e na idiossincrasia das suas populações, unidas por uma única história e por um mesmo credo, e formando uma grande sintonia na diversidade das culturas e das línguas (BENTO XVI, 2007, p.1).

De acordo com Bento XVI (2007, p.1), a conferência de Aparecida terá como objetivo “refletir sobre esta situação para ajudar os cristãos a viverem a sua fé de forma alegre e consistente, tendo consciência de que são discípulos e missionários de Cristo, enviados por Ele ao mundo para anunciar e dar testemunho da sua fé e amor”. Para Souza (2008, p.142), a Igreja é rica em cultura, impulsionada pela fé do povo, através da cultura da religiosidade popular, expressa nas diversas formas de devoção. Bento XVI (2007, p.2) ressaltou, ainda, que “a V Conferência é uma continuidade das quatro anteriores”, com o objetivo de evangelizar, tendo como caráter animar a fé do povo, lembrando diretamente a vocação batismal, e o chamado para serem discípulos e missionários de Jesus Cristo.

Amado (2018, p.67), destaca que “Aparecida resolveu o impasse entre a continuidade e a descontinuidade entre Puebla e Santo Domingo”, dando um “salto qualitativo na compreensão da realidade e na ação evangelizadora”. Esse salto é o que confere identidade ao Documento de Aparecida (DAp), o qual, apesar de ter “surgido para lidar com uma realidade local, abre-se à universalidade da Igreja”. De acordo com Souza (2008, p.142), “os bispos presentes na conferência refletiram sobre o sofrimento e as alegrias de nossos povos da América Latina, registrando que os homens e as mulheres são imagem e semelhança de Deus”. A V Conferência é considerada oportuna “para que todas as nossas paróquias se tornem missionárias” (DAp, 173).

A Igreja na V Conferência é convidada a assumir a sua missão, seguindo os passos de Jesus Cristo, servindo à evangelização. A formação é uma parte crucial do documento dos seus trabalhos (DAp, 315). A Igreja ainda deve “resgatar a sua essência missionária, tendo como modelo as primeiras comunidades cristãs, formando seus presbíteros, consagrados e leigos com renovado ardor missionário” (SOUZA, 2008, p.143). O catolicismo não deve ser compreendido como tradições culturais ou heranças de família, mas sim como uma mensagem que deve ser propagada com ardor missionário, seguindo o paradigma e os ensinamentos de Jesus Cristo. De acordo com Godoy (2015, p.216), Aparecida retoma a expressão “cara de Puebla”, que designa o rosto dos pobres de nosso continente, e acrescenta novas características que surgiram nos últimos anos, sob a influência dos avanços da modernidade. Sendo assim,

A partir desta conferência realizada em Aparecida, todos são convocados, como batizados, a assumirem com seriedade a sua vocação batismal, numa Igreja toda ela ministerial, primeiramente a serviço dos que mais sofrem, ao mesmo tempo, profética: anunciando a boa nova e denunciando as injustiças. Portanto, ser discípulo como propõe a Conferência, é estar perto do Senhor, conhecer Jesus Cristo, o ressuscitado, fazer com Ele uma experiência de vida, não apofática, (...), mas um encontro a partir da palavra anunciada e vivida, valorizando a Eucaristia como o momento supremo do encontro com o Senhor (SOUZA, 2008, p.145).

Conforme Souza (2008, p.144), “A Conferência tem como objetivo animar os missionários do continente a assumirem a sua missão de discípulos, evangelizando, anunciando Jesus Cristo e seu projeto de amor, justiça e solidariedade” para que, em Cristo, esses povos possam ter vida. É interessante notar que “Aparecida não se limita à transmissão da fé, mas sim à tradição cultural propriamente do continente, na qual a fé está inserida”. De acordo com Amado (2018, p.72), “Aparecida aponta uma história de forte ligação entre a fé cristã e as culturas dos povos latino-americanos e caribenhos (DAp, 37), de forma que, ao se referir à transmissão de uma, deve-se necessariamente referir à transmissão da outra”.

O DAp discute temas como a evangelização, a justiça social e os desafios enfrentados pela Igreja. Esta Conferência reconhece a relevância da missão para o mundo, a missão da Igreja em relação aos pobres, a missão peregrina, missionária, desde o seu início, através da força Santíssima Trindade. A Igreja convida os fiéis a viverem “a comunhão a serviço do povo sofrido, que clama por justiça, tem a esperança da paz, tem a solidariedade enraizada dentro de si e anseia pelo anúncio do Deus da vida” (SOUZA, 2008, p.144).

De acordo com Prates (2007, p.12), “ao celebrar a V Conferência no Santuário de Aparecida, a Igreja não pode negligenciar os avanços alcançados pela sua consciência evangelizadora-missionária afirmada na trilha eclesial Medellín-Puebla-Santo Domingo”. Aparecida demonstrou que existe um novo dado na realidade, que precisa ser urgentemente assumido pela consciência eclesial. Segundo Amado (2018, p.70), esse dado é relevante para a compreensão da realidade, sem a qual seria improdutivo.

Segundo Amado (2018, p.70-71), “Aparecida não se limitava a olhar o passado e se preocupar apenas em resgatar um ou outro tema”, mas também buscou questões que se manifestam nas concepções de uma ação evangelizadora, seguindo-se “para a totalidade da Igreja sob o pontificado do Papa Francisco”. O objetivo central do documento de Aparecida é demonstrar que a realidade exigiu elementos novos, que não foram considerados nas Conferências anteriores, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e atualizada da realidade.

#### **1.4. A Teologia do Povo.**

A Teologia do Povo (TP) foi gestada na Igreja Latino-Americana, sobretudo no território argentino. Segundo Nunes (2019, p.624), Juan Carlos Scannone (1931-2019) foi um dos grandes teólogos latino-americanos e um dos fundadores da “Teologia do Povo”. De acordo com Scannone (2019, p.47), o teólogo latino-americano Lucio Gera é o representante mais eminente da “TP”.

Segundo Souza (2022, p.494), há uma revalorização da cultura e da piedade popular, tanto em nível argentino quanto na América Latina. Souza (2022, p.490-494) afirma que “ela é uma consequência, em última análise, do Concílio Vaticano II”. A TP tem características próprias, sendo uma das vertentes da Teologia da Libertação (TL), como afirma Scannone. Apesar de ser uma corrente da TL, ela difere em aspectos. Ela usa, assim como outras vertentes,

de categorias socio-analíticas que não estão relacionadas ao marxismo. Por meio do método teológico *ver-julgar-agir*, uma mediação histórico-cultural de compreensão da realidade.

Para Souza (2022, p.494-499), “a TP não deixa de lado os grandes conflitos sociais da América Latina, apesar de sua compreensão de povo privilegiar a unidade em detrimento do conflito”. A TP ainda está em sintonia a *Evangelii Gaudium* (EG) “relaciona a piedade popular a temas relevantes para ambas, como a inculturação do evangelho” (EG 68;69;70) e “os mais necessitados e sua promoção social” (EG, 70). Além disso, o povo de Deus e os povos da terra constituem os temas centrais da TP.

De acordo com Nunes (2019, p.624-625), Scannone apresenta uma linha de estudo dividida em três partes. A primeira parte apresenta um breve histórico da formação da TP, desde o Concílio Vaticano II, passando pela Conferência de Medellín, em 1968, até os dias atuais, passando pelos principais nomes de pastores e teólogos, que contribuíram para sua elaboração. A segunda parte do livro se concentra na análise dos principais conceitos operativos da TP, suas articulações com diversos campos do conhecimento teológico e de outros campos, bem como as principais problemáticas pensadas a partir da realidade latino-americana. Além disso, esta parte apresenta problemáticas específicas da TP como temas globais da teologia. A Terceira parte, por sua vez, apresenta o magistério de Francisco, denominado “raízes teológicas de Francisco”, sob a perspectiva da TP.

Conforme Scannone (2019, p.183), a universalidade intrínseca do magistério de Francisco, está ligada à sua forma de construir as bases teológicas do conteúdo e à forma como governa a Igreja e, bem como à influência extra-ecclesial, ou seja, ao estilo do Papa Argentino. Scannone apresenta os fundamentos para a compreensão do magistério de Francisco, demonstrando como ele segue as mudanças de paradigma do Vaticano II, bem como as mudanças de método da Constituição pastoral *GS* – seguindo a linha do magistério social latino-americano desde Medellín até Aparecida – e conduz a agenda inacabada do concílio, que identificou as transformações necessárias, mas que não as executou de forma efetiva no plano evangélico de uma Igreja pobre para os pobres.

De acordo com Scannone (2019, p.214), a TP considera o povo a sob a perspectiva, ao mesmo tempo em que “reconhecia a realidade de *antipovo*, o conflito e a luta pela justiça”. Contudo, ele ainda enfatizará que não é possível ignorar os conflitos, mas que é preciso não ficar aprisionado a eles ou fazer deles a chave para o progresso. Em vez disso, deve-se aceitar os conflitos, “resolvê-los e transformá-los em elementos fundamentais para um novo processo”.

Dessa forma, os temas centrais da TP são os povos de Deus e os povos da terra. Segundo Souza (2022, p.499) “A cultura desempenha um papel fundamental” nesta reflexão, pois é a partir da cultura que se concebe o povo. A evangelização da “cultura e a inculturação do evangelho” são temas teológicos e pastorais relevantes, como é bastante discutido por Francisco.

### **1.5. Considerações parciais.**

O primeiro capítulo, o objetivo foi examinar as fontes e o contexto do magistério do Papa Francisco, com destaque para o Concílio Vaticano II, as Conferências e a Teologia do Povo. Na visão de Francisco é crucial “retomar o caminho e recuperar o frescor original do Evangelho”, o que implica o surgimento de novas ideias, métodos, formas de expressão na evangelização, além de sinais e palavras com um novo significado para o mundo contemporâneo. Estes aspectos são fundamentais para compreender o magistério de Francisco, uma vez que indicam uma virada na metodologia e na forma como ele conduz a Igreja em um novo período histórico.

Em resumo, o Papa Francisco apresenta em seu magistério mudanças de paradigma, com uma abordagem pastoral-teológica centrada na justiça e na dignidade da pessoa, valorizando elementos do Concílio Vaticano II, das conferências e da Teologia do Povo. No segundo capítulo, devemos analisar como este paradigma se desenvolveu na Exortação Apostólica *EG* e qual a metodologia usada por Francisco para uma compreender de um novo horizonte para a evangelização.

## 2. METODOLOGIA DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*.

Neste segundo capítulo, analisaremos o método usado pelo Papa Francisco a partir de sua Exortação Apostólica *EG*, trazendo, assim, uma compreensão do seu método teológico-pastoral. Aqui, queremos demonstrar como a figura de Francisco implica em um método simples para a Igreja, que demonstra sua necessidade de “saída”, o que é motivo de tantos discursos. Os ensinamentos do Papa Francisco apresentam uma composição original. Assim como ele, seus discursos não apenas têm um tom popular, mas também, e provavelmente por uma consequência lógica, um vocabulário próprio e diferente que agrada a muitos e repele a outros (PASSOS, 2018, p.13). Contudo, é crucial situar o evento “Francisco”, figura que representa uma nova direção de evangelização na história da Igreja no século XXI.

A escolha de Francisco como bispo de Roma em 2013 representou um novo capítulo na trajetória da Igreja (SOUZA, 2023, p.7). Em 13 de março de 2013, Jorge Mario Bergoglio, de 76 anos na época, introduziu o nome de Francisco, que não apenas uma reverência ao Santo de Assis, mas sim como uma orientação para seu (SOBRINHO, 2022, p.36). Como já foi mencionado no primeiro capítulo, o Magistério de Francisco “está enraizado nas orientações do Concílio Vaticano II e na caminhada da Igreja Latino-americana” (FERREIRA, 2023, p.9). Além disso, ele foi eleito num período extremamente delicado para a instituição religiosa: “escândalos morais, financeiros e o vazamento de documentos internos do Vaticano” (SOUZA, 2023, p.13).

De acordo com Souza e Nascimento (2021, p.145), o pontificado de Francisco é fundamentado na esperança, o que estimula as pessoas a caminharem com alegria em direção a uma renovação eclesial intensa. Seu magistério nos ajuda a compreender esse trajeto. Segundo Sobrinho (2022, p.38), o primeiro texto é a Exortação Apostólica *EG*, que retoma o caminho da evangelização sob a perspectiva conciliar da descentralização, levando à reflexão da fé cristã a partir do encontro com Cristo e do espírito de abertura ao diálogo e ao serviço, numa dinâmica de Igreja que se compromete com os pobres, ao lado dos pobres e dando testemunho de Jesus Cristo. Conforme Cavaca (2014, p.27), “a missão e a evangelização constituem o fio condutor de toda a Exortação”.

Francisco é o primeiro Papa jesuíta e latino-americano (argentino) em toda a história da Igreja. Como já dissemos, o nome por ele escolhido revela um programa de pontificado: “proximidade com os pobres e compromissos de renovação da Igreja” (SOUZA, 2023, p.13). O Cardeal Bergoglio é caracterizado pelas correntes teológicas que fundamentam e sustentam

sua atuação como bispo em Buenos Aires e Roma. Francisco está profundamente marcado pelo Concílio Vaticano II, pela Teologia do Povo e, conseqüentemente, pela Teologia da Libertação (SOUZA, 2023, p.14).

### **2.1. O método teológico-pastoral de Francisco.**

Quando pensamos no método teológico de um sumo-pontífice, é claro que imaginamos uma corrente teológica, mas voltada para o campo conceitual. A distinção feita entre teologia acadêmica, teologia do magistério e teologia do povo tornou-se uma realidade. Segundo Passos (2018, p.9), cada Papa carrega consigo o método de sua época, ou o de sua preferência para a elaboração de seus documentos. Passos (2018, p.11) argumenta que todos os papas, sem qualquer exceção, assim como todos os concílios, são expressões de opções e de práticas metodológicas adotadas para expressar a fé, ato que está subjacente à formulação da doutrina. Ainda se pronuncia,

O papa Francisco não somente prática um método, como explicita o método utilizado, na medida em que oferece definições dessa ordem em seus documentos e pronunciamentos [...] A novidade é que tem explicitado de modo claro suas visões e opções metodológicas, além de adotar um caminho muito claro na elaboração de seus documentos. A hipótese plausível é que Francisco assume posturas metodológicas que possibilitam expor os fundamentos e os processos da reforma da Igreja por ele anunciada, convocada e encaminhada, “renovação inadiável” realizada “a partir do coração do Evangelho (PASSOS, 2018, p.11).

A teologia de Francisco tem como foco central o ser humano que se encontra “em saída” e em missão, assim como também é o foco do Concílio Vaticano II, que tem como “foco principal o ser humano” e suas indagações sobre o tempo. Francisco aplica, em seu magistério, a eclesiologia do Vaticano II e propõe uma Igreja em constante transformação, “em saída”, a fim de superar o individualismo e as indiferenças. Francisco, seguindo a linha de continuidade e aplicação do Concílio Vaticano II, reafirma a ideia que caracterizou o Vaticano II: a de um novo Pentecostes para a Igreja. Toda a eclesiologia destes últimos anos está fundamentada na GS que aponta importantes mudanças e diálogo com o mundo, o que é o que Francisco propõe em todo o seu pontificado (SOUZA; NASCIMENTO, 2021, p.147-148).

É necessário compreender um novo conceito que se fundamenta na alteridade, que se completa na primeira encíclica de Francisco, a *EG*, e propor a continuidade do método hermenêutico e histórico, com um olhar transformador social e revelador de uma Igreja em saída que necessita de método. Francisco usa o método teológico e dialético para contemplar o ser humano inserido na história e conta com o apoio de outras ciências. A compreensão é hermenêutica, pois é necessária a experiência. Dessa forma, ele orienta uma nova forma de

olhar o pobre e deseja de uma economia de inclusão. A estrutura de uma Igreja em saída, com foco no absoluto em Deus, mas também com um olhar social, além das fronteiras (SOUZA; NASCIMENTO, 2021, p.148).

Em seu documento, o Papa Francisco apontará os caminhos necessários para uma saída que esteja integrada à realidade humana, pois no mundo global, há uma grande quantidade de excluídos e muitas injustiças (EG, 202). Francisco propõe uma nova proposta que rejeite a ideologia neoliberal e as absolutizações dos mercados financeiros em relação à produtividade e ao trabalho. Ele ainda defende que a Igreja promova “o coração da mensagem de Jesus Cristo” (EG, 34), que é a “beleza do amor salvífico manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG, 36).

Segundo Souza e Nascimento (2021, p.149), Francisco propõe uma Igreja que seja aberta ao diálogo e que analise a realidade do tempo e das culturas. A Igreja deve estar sempre atenta às reformas em andamento, de acordo com o Concílio Vaticano II. Francisco encoraja a conversão de todos para a promoção humana, uma conversão que ajude a formar uma nova mentalidade e superar uma sociedade marcada pela injustiça, corrupção e violência. Isso sem deixar de lado a espiritualidade encarnada, que considera o primado da misericórdia divina e inspira a conversão pastoral, a forma de se colocar diante do mundo, da cultura, dos desafios atuais e de dialogar com todas essas realidades.

Ao longo deste estudo, é possível notar pontos relevantes para o pensamento metodológico de Francisco, que vão muito além dos métodos convencionais presentes e de fácil compreensão. Francisco tem uma base sólida e fácil de ser observada. São elas: a teologia e a eclesiologia do Vaticano II, o método *ver-julgar-agir* e o método inaciano, que fornece as bases para a compreensão e a construção de uma ideia. Ao longo da história do papado, é possível identificar diversos “métodos teológicos” utilizados pelos papas.

O Papa Francisco tem demonstrado uma postura colegial e dialogal em suas produções textuais. Além das fontes comuns do magistério universal, ele cita com cuidado textos de autoridades locais, das conferências continentais e nacionais, de teólogos católicos e cristãos, bem como de pensadores não cristãos (PASSOS, 2018, p.43). Os textos de Francisco apresentam um estilo consciente e claro; trata-se de um ensinamento do bispo de Roma, que fala como primeiro entre os iguais e, como líder, assume o diálogo com as diferenças como um caminho de busca para a verdade (PASSOS, 2018, p.44). Como já foi demonstrado, o Concílio

Vaticano II foi uma grande *aggiornamento* nos modos de pensar e de viver a fé na Igreja no mundo moderno.

Segundo Passos (2018, p.46-47), a Igreja não deveria se conformar com o mundo atual, que é repleto de acontecimentos negativos e perigos à fé, mas, ao contrários, deveria se esforçar para distinguir no mundo os “sinais dos tempos”, ou seja, aquilo que Deus deseja comunicar às pessoas de fé nas circunstâncias presentes. O Concílio representou uma grande interação entre o passado e o presente, da tradição da fé com as realidades concretas, das respostas da doutrina com as interrogações atuais, das verdades da fé com as verdades das ciências. A partir dessa postura de diálogo e abertura, o Vaticano II refletiu sobre “a Igreja, o mundo, refletiu sobre as diferenças sociais, políticas, culturais e religiosas que formavam a realidade da época”.

Francisco, filho do Concílio Vaticano II, pratica o método conciliatório de forma natural, concreto e eficiente, superando qualquer forma de dualismo “entre a fé e a realidade, ou qualquer polarização que priorize um dos aspectos” (PASSOS, 2018, p.49). É possível notar a utilização do método *ver-julgar-agir*, que Francisco adotou “em suas reflexões”, particularmente em seus textos principais, “imprimindo-lhes o estilo próprio”, ou seja, a inclusão quase regular “de dois momentos que completam os três clássicos passos” (PASSOS, 2018, p.51). Como jesuíta, Francisco considera as posturas metodológicas próprias do método inaciano (PASSOS, 2018, p.53).

## **2.2. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e seu método teológico.**

A Exortação Apostólica *EG* demonstra uma mudança de perspectiva e de rumo na compreensão da Igreja. Uma nova conversão pastoral da Igreja, que retomará “a renovação do Vaticano II e a tradição da Igreja na América Latina” (COLLETA, 2015, p.53). A *EG* é um depósito de ideias novas em termos de renovação dos ensinamentos da Igreja; um exercício de pensar o velho sob o ponto de vista do novo e vice-versa (PASSOS, 2018, p.15). O documento defende os valores da colegialidade, da sinodalidade e de uma abertura que supere a centralidade romana (PINAS, 2022, p.362).

A Exortação Apostólica *EG*, promulgada em 24 de novembro de 2013 pelo Papa Francisco, representou um texto significativo para o seu governo. A leitura atenta pode revelar um método de ensino inovador. De fato, o Papa foi enfático em sua preferência por uma “Igreja em estado permanente de missão”, direcionada às periferias existenciais e geográficas

(FERREIRA, 2023, p.11), que revolucione as estruturas convencionais. A *EG* é um evento renovador da Igreja, da eclesiologia e da teologia” (PASSOS, 2018, p.16). Segundo Francisco,

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tronem, um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania, “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial” (EG, 27).

Conforme Colleta (2015, p.61), a *EG* “foi recebida com grande expectativa, uma vez que se tratava da devolução à comunidade eclesial das reflexões realizadas no Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização, convocado e realizado sob o pontificado de Bento XVI”. A teologia presente neste documento enfatiza a necessidade de renovação contínua da Igreja, tendo como base o Evangelho, que tem como referência em Jesus Cristo. Dessa forma, deve-se libertar de toda “*autorreferencialidade*” (PASSOS, 2018, p.16-17).

Segundo Colleta (2015, p.61-62) explica que o documento está dividido em cinco capítulos e uma introdução. O Papa Francisco apresentará uma introdução que demonstrará a “tendência ao isolamento que a sociedade atual” oferece e convidará “os católicos a uma renovada nova experiência de encontro com Cristo”. Além disso, cita diversas passagens bíblicas que demonstram a alegria e a beleza da tarefa evangelizadora. O primeiro capítulo se concentra nas transformações missionárias da Igreja, que se concentram no tema da “conversão pastoral”, que, na verdade, é a “busca da Igreja para viver fielmente a sua vocação”. A segunda parte aborda a “crise do compromisso comunitário”. Em seu texto, o Papa crítica à idolatria ao capital, uma vez que esta viola a ordem natural das coisas. Dessa maneira, o capital deixa de ser útil para a “promoção da pessoa humana” e para a “prática da justiça” e da equidade, tornando-se, por si só, o centro e o objetivo de todas as lógicas atuais.

Segundo Colleta (2015, p.62), o terceiro capítulo, denominado “O anúncio do Evangelho”, apresenta um conjunto de dados que abrangem diversos aspectos da “atividade evangelizadora da Igreja”. O Papa dirige-se à Igreja, compreendendo a totalidade dos batizados, e os chama a evangelizar, com base no *Kerigma*. No quarto capítulo, considerou-se “a dimensão social da evangelização”. O quinto capítulo, intitulado “Evangelizadores com Espírito”, trata da “espiritualidade dos evangelizadores, quando retoma o encontro pessoal com Cristo”, uma

vez que é a “partir desta experiência que se sente a necessidade de falar da pessoa amada”. Ainda de acordo com Colleta,

*Evangelii Gaudium* é uma mescla de *Gaudium et Spes* e *Evangelii Nuntiandi*, os dois documentos de maior transcendência no contexto da renovação conciliar. O primeiro abriu a Igreja para o mundo, através de uma postura de serviço e diálogo; o segundo envia a Igreja a uma sociedade emancipada da tutela eclesial, para depois, explicitar a Boa-Nova, na gratuidade, numa relação propositiva. Na evangelização não há destinatários; há interlocutores (COLLETA, 2015, p.63).

Conforme Colleta (2015, p.67) a *EG* pode ser entendida como “uma simples exortação apostólica pós-sinodal, semelhante a outras tantas, mas não é”. É, de fato, um documento crucial para o pontificado de Francisco, uma vez que apresenta não apenas um programa de pontificado para os anos seguintes, mas também resgata a eclesiologia conciliar e salienta a responsabilidade de todos os batizados na ação evangelizadora. A chave para compreender o método teológico e pastoral de Francisco é a libertação do *autorreferencialismo*, a renovação a partir das fontes do Evangelho e o serviço às pessoas (PASSOS, 2018, p.17). A teologia também precisa se renovar, sair da sua zona de conforto dentro da tradição e da doutrina, dos paradigmas usuais e do centros eclesiais para as periferias humanas (PASSOS, 2018, p.18). Em algumas passagens de seus ensinamentos, o Papa apresenta o que considera ser a teologia no âmbito da vida eclesial e da sociedade atual. Na Exortação *EG*, Francisco situa a teologia dentro das relações entre o Evangelho e a Igreja, a doutrina e a cultura (PASSOS, 2018, p.90).

### 2.2.1. O primado da misericórdia e da alegria.

Francisco tornou a misericórdia o tema central e fundamental de seu pontificado (SILVA, 2016, p.870). Em 2015, o Papa Francisco anunciou e proclamou o Ano da Misericórdia. A intenção de Francisco foi despertar a atenção de todos para uma mudança de mentalidade dentro de um processo metodológico, incentivando, dessa forma, a conversão eclesial, que se concentra no fundamento cristológico e na ação do Espírito que capacita para a misericórdia (PINAS, 2022, p.365).

Com a proclamação do Ano Jubilar da Misericórdia, Francisco está além das meras palavras bonitas. De acordo com Silva (2022, p.44), “ele está convidando toda a Igreja a refletir sobre suas bases, assim como o Concílio Vaticano II propôs que a Igreja se repensasse e se voltasse às fontes”. A misericórdia, na perspectiva de Francisco, é mais do que uma abordagem pastoral, mas é um dos grandes temas centrais de seu magistério e seu método de apontar “Jesus Cristo como o rosto da misericórdia do Pai”, quer dizer que “Cristo revela a misericórdia de Deus”. De acordo com a *Misericordiae Vultus*,

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (*Ef 2, 4*), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (*Ex 34, 6*), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na «plenitude do tempo» (*Gl 4, 4*), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. *Jo 14, 9*). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus. (MV, 1).

Ao longo do seu magistério, é possível notar diversas citações significativas em relação à misericórdia. Ele enfatiza que Deus é misericordioso e que essa misericórdia é uma expressão fundamental de seu amor por toda a humanidade. De acordo com a bula *Misericordiae Vultus* (MV), devemos ter sempre em mente “o mistério da misericórdia, que é fonte de alegria, serenidade e paz” (MV, 1). Consequentemente,

Misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar de limitação do nosso pecado (MV, 2).

Segundo Sobrinho (2022, p.39), Francisco defende que a misericórdia deve ter um olhar compassivo em vez de uma atitude condenatória. Informa que todos podem experimentar a misericórdia de Deus e, por sua vez, serem misericordiosos para com os irmãos e irmãs. O Ano Santo da Misericórdia foi uma “oportunidade para renovar a espiritualidade das comunidades e para inserir toda a Igreja na perspectiva da reconciliação”. A misericórdia é a “chave para a leitura do Evangelho de Cristo que é o Evangelho da Igreja” (SOBRINHO, 2022, p.39).

Nas parábolas sobre a misericórdia, fica evidente que Jesus mostra como Deus se assemelha a um Pai que persiste incansavelmente até que o pecado seja redimido, vencendo a resistência com compaixão e misericórdia (MV, 9). Francisco apresenta a misericórdia como uma força que vence tudo, preenche o “coração de amor e nos consola com o perdão”. Ele considera a misericórdia um elemento crucial para estabelecer pontes entre diferentes culturas, religiões e povos. Sendo assim, é correto afirmar:

A Igreja é chamada, em primeiro lugar, a ser verdadeira testemunha da misericórdia, professando-a e vivendo-a como o centro da Revelação de Jesus Cristo. Do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia. Esta fonte nunca poderá esgotar-se, por maior que seja o número daqueles que dela se abeírem. Sempre que alguém tiver necessidade poderá acender a ela, porque a misericórdia de Deus não tem fim. Quanto insondável é a profundidade do mistério que encerra, tanto é inesgotável a riqueza que dela provém (MV, 25).

Ao analisarmos o estilo teológico e prático-pastoral do Papa Francisco, perceberemos que, a partir da lógica da misericórdia, ele propõe caminhos, diálogos, maneiras de se relacionar com os outros e propõe à Igreja a vivência de sua essência: a missão. A abertura ao diálogo com outras religiões, o que implica uma mudança de posição em relação à Igreja missionária. Francisco ainda destaca a alegria como um elemento fundamental da fé cristã, especialmente em sua Exortação Apostólica. Francisco enfatiza a importância da fé cristã como uma fonte de verdadeira alegria que deve irradiar a alegria de ser discípulos de Cristo. A alegria que surge do encontro com Jesus Cristo, como afirma:

O bem tende sempre a se comunicar. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem se radica e se desenvolve (EG, 9).

O amor deve motivar-nos a procurar o que é bom, enquanto compartilharmos a alegria de proclamar o evangelho e oferecer vida aos outros. A alegria é o anúncio da Boa Nova do Evangelho, que tem como objeto demonstrar “a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando é necessário semear com lágrimas!”. A alegria deve ser vivenciada nas comunidades cristãs, servindo aos outros, sobretudo aos menos favorecidos. A alegria deve estar presente em todas as situações “ora na angústia, ora com esperança” sendo uma característica marcante da vida cristã, como um testemunho poderoso “da presença viva de Deus na vida das pessoas” que nos convida a sermos testemunhas alegres do Evangelho (EG,10).

#### 2.2.2. Uma saída missionária: sair para se fazer próximo dos outros.

O Papa Francisco propõe a ideia de uma “Igreja em Saída”, na qual ele expressa suas principais preocupações sobre a Igreja e o mundo. Esta abordagem visa repensar a realidade pastoral de forma descentralizada e missionária. Através dela, busca-se promover uma dinâmica pastoral missionária, visando estabelecer um novo perfil metodológico e eclesial, no qual todos são convocados a serem discípulos e missionários. Essa abordagem visa evitar a clericalização dos leigos e a secularização dos clérigos (PINAS, 2022, p.365).

Dantas (2020, p.30) destaca que o convite de Francisco para uma “Igreja em saída” é a característica principal de seu pontificado, enfatizando a importância do encontro com o próximo e a proximidade com os mais necessitados, seguindo a ideia de “do pobre para os pobres”. A “Igreja em saída” é descrito como uma comunidade de discípulos missionários que priorizam o ir ao encontro, acompanhar, frutificar e celebrar. Para Francisco, essa comunidade

missionária representa a iniciativa de procurar os afastados e convidar os excluídos, expressando um desejo constante de oferecer misericórdia, resultado da experiência da misericórdia infinita do Pai e de sua força difundida (EG, 24).

Francisco defende a ideia da Igreja como missionária, afirmando que todos são convocados a participar dessa nova saída missionária. Ele encoraja a deixar a rotina e ter coragem de alcançar todas as periferias que carecem da luz do Evangelho (EG, 20). Segundo ele, a evangelização é um compromisso missionário de Jesus Cristo: “Ide, portanto, fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (EG, 19). A alegria do Evangelho, conforme destacado por Francisco, desperta a alegria missionária na comunidade dos discípulos (EG, 21). Esse chamado representa uma *nova praxis eclesial*, enfatizando a centralidade da missão tanto para a própria Igreja quanto para a reflexão eclesial. Com o movimento “Igreja em saída”, o Papa Francisco redefine o conceito de “Povo de Deus”, destacando que ser Igreja implica em ser parte do Povo de Deus, conforme o grande projeto de amor do Pai (DANTAS, 2020, p.33).

A Igreja deve ser muito do que uma organização formal e hierárquica, deve evangelizar de forma participem ativamente da vida “da Igreja: homens, mulheres, leigos e clérigos” (DANTAS, 2020, p.34). Francisco afirma que a Igreja somente cumpre sua missão se for “Igreja que sai, apesar de enfrentar perseguições e resistências, caso contrário se tornará uma realidade eclesial enferma, presa nas comodidades da falsa segurança do isolamento” (EG, 49). Conforme observado por Pesce (2023, p.1), o chamado do Papa Francisco à renúncia é, em primeiro lugar, espiritual. Ele é descrito como uma vocação que se origina desde Abraão e que reflete a voz do Espírito que nos direciona para as surpresas do amor divino.

O segundo capítulo da *Lumen Gentium* (LG) aborda a Igreja como o “Povo de Deus”. Desde tempos remotos, a intenção de Deus tem sido reunir a humanidade em um povo, e isso se concretiza com a nova aliança estabelecida por Cristo através de seu sacrifício. A característica principal do “Povo de Deus” é a comunhão na vida, na caridade e na verdade. Este povo é enviado para o “mundo inteiro como luz para as nações” (LG, 9). De acordo com a LG,

Todos os homens são chamados a esta unidade católica do Povo de Deus, a qual anuncia e promove a paz universal; a ela pertencem, de vários modos, ou a ela ordenam, quer os católicos, quer os outros que acreditam em Cristo quer, finalmente, todos os homens em geral, pela graça de Deus chamados à salvação (LG, 13).

Dantas (2020, p.35) destaca que o Papa Francisco tem como objetivo atualizar com sabedoria um conceito enraizado nas escrituras e deliberadamente adotada pelo Vaticano II. Ele é o Papa que traz para Roma a rica experiência pastoral de uma Igreja Latino-americana, que

busca integrar a fé com a Tradição e o primado, enquanto se baseia na fé de um povo com sua própria história e realidade específica. A Igreja como Povo de Deus é capaz de manifestar a presença de Jesus nos outros, em suas vozes e em suas necessidades (EG, 91).

Segundo Fiore (2023, p.162), a Igreja em saída, conforme proposta pelo Papa Francisco, é aquela que somente cumprirá sua missão se se arriscar no mundo e, com alicerce no Evangelho, no Magistério e na Tradição, ir ao encontro dos mais necessitados, mesmo assumindo os riscos dessa opção, como convida Francisco em sua exortação. Ele expressa a preferência por uma Igreja marcada pelas feridas e pelo lamaçal das estradas percorridas em busca dos outros, em vez de uma Igreja doente pelo fechamento e pela tendência a se apegar à própria segurança (EG, 49).

De acordo com Fiore (2023, p.166), “a proposta de Igreja em saída para a cultura do encontro e da misericórdia” tem como base Cristo e uma fé fundamentada na razão, na qual os discípulos missionários de Cristo, por meio do discernimento cristão, possam atuar como “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14), indo ao encontro do outro, com uma “opção preferencial pelos pobres”, mas sobretudo, com um espírito de evangelização. A proposta de Igreja em saída promove cultura do encontro, onde o altruísmo cristão, sem perder a identidade e a consistência da fé, bem como a o alicerce de uma ética pautada no evangelho, que conduz ao encontro dos mais necessitados, através de um espírito de evangelização e caridade cristã (FIORE, 2023, p.162).

Quando se assume a proximidade é considerada uma “atividade” pastoral, devemos estabelecer relacionamentos autênticos e significativos com as pessoas. O encontro com Deus deve ser motivado pelo evangelho e pela experiência do encontro, que deve transformar a realidade em que vivemos, saindo da zona de conforto e do comodismo, afastando-se assim dos “prestígios” ilusórios. Ou seja, o encontro na dinâmica missionária deve, sem dúvidas, gerar “caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG, 179). A pastoral da proximidade, quando assumida pelos líderes da Igreja, pode de forma efetiva, criar pontes e relacionamentos autênticos e significativos. A Igreja é missionária por natureza, tendo como objeto sempre o encontro com o outro.

### 2.2.3. A cultura do encontro.

Desde o início de seu papado, Francisco tem demonstrado preocupação com a necessidade de uma Igreja em saída e comprometida em ajudar os necessitados, além de

cumprir sua missão de espalhar a mensagem evangélica (FIORE, 2023, p.164). Em 13 de novembro de 2016, o Papa Francisco incentivou a busca por uma “cultura do encontro”, seguindo o exemplo simples de Jesus. Ele destaca que este encontro faz refletir sobre a forma como nos relacionamos. O terceiro capítulo da *EG* trata especificamente da “proclamação do Evangelho” e ressalta a importância do encontro. O encontro com o Evangelho tem o poder de transformar e orientar as pessoas em direção aos outros (EG, 177).

A expressão “cultura do encontro” é frequentemente mencionada nos discursos do Papa Francisco, chamando a atenção para algo novo e significativo (ULLOA; BARBOSA, 2019, n.1). A cultura do encontro está relacionada à ideia de Francisco de promover uma sociedade baseada no diálogo, na solidariedade e no respeito mútuo. O Papa sempre enfatiza a importância do diálogo, como nos lembra o Concílio Vaticano II, e a construção de pontes entre pessoas de culturas e religiões diferentes, em vez de se erguer barreiras que as afastam. Além disso, essa cultura do encontro deve ser indispensável para resolver conflitos e construir um mundo mais justo e pacífico para todos.

Para entender a dinâmica da cultura do encontro, é importante examinar como ela se relaciona com outras ideias introduzidas pelo Papa Francisco, como a Igreja em movimento e as realidades periféricas da existência (ULLOA; BARBOSA, 2019, n.2). Desta forma, fica evidente a importância de superar divisões e diferenças através do diálogo, e a dignidade de cada pessoa. Mariani,

A cultura do encontro “implica o hábito de reconhecer, ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente” (FT, 218), reconhecimento possível somente no amor, isto é, no ato de colocar-se no seu lugar e assim “descobrir o que há de autêntico ou pelo menos compreensível no meio das suas motivações e interesses” (FT, 221) e tratá-lo com amabilidade (MARIANI, 2023, p.72).

A cultura do encontro é crucial para enfrentarmos os desafios globais de nosso tempo, como a pobreza, a desigualdade e o conflito, para construirmos uma sociedade mais inclusiva e solidária. Segundo Ulloa e Barbosa (2019, n.1), “O diálogo é um dos principais instrumentos da cultura do encontro e o Papa Francisco insiste em que seja amplo e aberto a todos: o diálogo ecumênico, inter-religioso, com os não crentes, com as ciências, com o mundo do trabalho, da economia, da política, da arte etc.”. O diálogo requer duas atitudes fundamentais na tradição mística: “a consciência dos próprios limites e a convicção de que a verdade de Deus ultrapassa nossas capacidades humanas” (MARIANI, 2023, p.71).

Francisco nos recorda em sua encíclica *Fratelli Tutti* (FT), que “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se para compreender-se, buscar pontos

de contato: tudo isso se resume ao verbo ‘dialogar’” (FT, 198). Em uma breve análise, podemos compreender a cultura do encontro como a expressão do amor fraterno que deve guiar as relações humanas e a vida em sociedade, tornando-se assim “um estilo de vida, um modo de agir natural de cada pessoa, mas sobretudo do discípulo missionário” (ULLOA; BARBOSA, 2019, conclusão).

#### 2.2.4. O anúncio do Kerigma e o testemunho pessoal.

O anúncio do *Kerigma* na *EG* tem como objetivo despertar o interesse de todos os cristãos em redescobrir e compartilhar a essência da fé cristã, que é a “boa notícia da salvação em Jesus Cristo”, com o mundo ao seu redor e as suas realidades. O mandato missionário do Senhor, conforme registrado em Mateus 28, 20, inclui o apelo ao crescimento na fé, ao instruir os discípulos a observar tudo o que foi ordenado. A ênfase no *Kerigma* deve um ponto central na evangelização.

Conforme Francisco destaca na *EG*, “a evangelização tem como objetivo o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela” (EG, 160). O *Kerigma*, por sua vez, apresenta um conteúdo intrinsecamente social: no cerne do Evangelho emerge a vida comunitária e o compromisso com os outros. O “primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, entrada na caridade” (EG, 177). Em “todos os batizados, desde o primeiro até o último, atuam a força santificante do Espírito que os impulsiona a evangelizar” (EG, 119). Ressalta a relevância de se reavivar continuamente o poder transformador do *Kerigma*, especialmente em um contexto em que muitas pessoas se afastaram da fé ou nunca a conheceram. Ou seja, ele convida a descobrir que também na catequese “o primeiro anúncio ou *Kerigma*, deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (EG, 164).

O termo “*Kerigma*” refere ao anúncio fundamental do Evangelho, ou seja, à mensagem, à pregação, à anúncio da “Boa Nova” da salvação através de Jesus Cristo. Francisco enfatiza que o *Kerigma* não é apenas uma série de doutrinas a serem seguidas, mas uma mensagem viva e pessoal que deve ser transmitida com entusiasmo e convicção. Francisco convida todos os cristãos a compartilharem o *Kerigma* de forma simples e direta, sem medo ou hesitação, confiando no Espírito Santo para agir nos corações de cada irmão e irmã. Francisco ainda informou que,

Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor de uma formação supostamente mais “sólida”. Toda a formação cristã é, primeiramente, o

aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e que permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. A centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, pelo estímulo, pela vitalidade e por uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isso exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (EG, 165).

Francisco defende uma Igreja missionária, comprometida em levar a Boa Nova do Evangelho a todas as pessoas, articulando a evangelização a partir das questões sociais e pastorais. Há uma necessidade constante de renovação espiritual e conversão pastoral. De acordo com Cavaca (2014, p.27), a evangelização se desenvolve em três dimensões: “a pastoral ordinária, que aborda a vida cotidiana cristã; o desafio de revitalizar os fiéis batizados afastados da vida da Igreja; buscando reconduzi-los à alegria da fé e ao compromisso com Jesus e seu Evangelho; e o anúncio do *Kerigma* cristão” (EG, 164) “àqueles que ainda não conhecem Jesus ou optam por rejeitá-lo” (EG, 14). A Igreja reconhece a “Sagrada Escritura como uma fonte fundamental de evangelização e, portanto, promove seu estudo”. Além disso, ela valoriza a “contribuição dos exegetas e teólogos, encorajando-os a ver sua atividade teológica como um carisma e parte essencial da missão salvífica da Igreja” (EG, 40).

Uma característica relevante a ser considerada na catequese é o seu desenvolvimento recente em direção à iniciação *mistagógica*, que implica na experiência em progredir na experiência formativa envolvendo toda a comunidade e valorizando os sinais litúrgicos da iniciação cristã (EG, 166). De acordo com Cavaca (2014, p.28), o Papa Francisco, em sua exortação no quinto capítulo, reitera a importância de sermos evangelizadores “com Espírito”. Isso implica em uma “familiaridade profunda com a Palavra de Deus, o que por sua vez, requer que dioceses, paróquias e todos os grupos promovam um estudo persistente e aprofundado da Bíblia, além de encorajar a prática da leitura orante pessoal e comunitária” (EG, 175).

Outro aspecto relevante é o testemunho pessoal de cada cristão, como uma parte complementar da evangelização e da missão, uma proposta apresentada por Francisco de que devemos sempre crescer no trabalho missionário. É importante salientar que o testemunho autêntico de vida é mais benéfico do que as palavras vazias, e que os fiéis devem refletir a alegria e o amor de Cristo em suas ações diárias. Evangelizar é “tornar a presença do Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176). Os cristãos devem se comprometer com o chamado

missionário de Cristo, que visa em cada um, alcançar a fonte que é o próprio Cristo, o imitando sua caridade e testemunho, imitando suas virtudes, a busca da verdadeira justiça e do serviço ao próximo, agindo de forma justa, a respeitando cada cultura e crença, buscando, dessa forma, a solidariedade e a proximidade, fundamentais para uma eficaz evangelização.

#### 2.2.5. As transformações sociais e a justiça.

A escolha do nome Francisco foi uma maneira de manifestar e revelar um compromisso e um conjunto de princípios de vida destinados a entender o serviço que é confiado à Igreja, e, por conseguinte, ao bispo de Roma (OLIVEIRA, 2023, p.237). Francisco aborda as mudanças sociais de diversas maneiras, demonstrando claramente a necessidade da Igreja de “avançar no caminho da conversão pastoral e missionária”, que implica em não “deixar as coisas como estão, mas buscar sempre uma renovação”. Francisco quer uma mudança profunda na Igreja para que ela seja uma testemunha de uma vida simples, que cuide dos mais fracos, proteja a paz e a natureza (OLIVEIRA, 2023, p.237).

Segundo Oliveira (2023, p.238-239), Francisco enfatiza que a evangelização demanda da Igreja a coragem de não se isolar, mas sim de se dirigir às periferias geográficas e às existências do mistério da dor, do sofrimento, da violência, da injustiça, e da miséria na vida humana. Oliveira (2023, p.240), destaca que, na Exortação Apostólica *EG*, Francisco apresenta uma afirmação fundamental para a atuação da Igreja na sociedade, uma vez que deve transmitir valores autênticos compreendendo a articulação estrutural que caracteriza a sociedade e o que diz respeito à ordem social e à realização do bem comum. Para o Papa, é essencial que os cristãos, ao assumirem o mandato, estejam engajados nas questões sociais e na promoção da justiça. Francisco tem demonstrado, de forma particular, uma preocupação com a dimensão social da evangelização. Francisco afirmou que,

Tudo está relacionado à competitividade e à lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em conseqüente desta situação, grandes massas da população veem-se excluídos e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectiva, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sombas” (EG, 53).

De acordo com Oliveira (2023, p.243-244), houve um grande progresso que trouxe benefícios relevantes para o bem-estar das pessoas nos diferentes âmbitos da vida. Isso significa que a ciência e as técnicas foram, fundamentalmente colocadas à serviço do mercado e da

rentabilidade para alcançar a eficiência e o crescimento ilimitado. Este processo aumentou significativamente a produtividade do trabalho humano, seja superexploração ou até mesmo o desemprego estrutural: o mercado de trabalho se tornou um mecanismo de seleção, uma vez que a produção industrial tem condições técnicas de prescindir da maior parte dos trabalhos. O próprio trabalho está enfrentando ameaças significativas hoje em dia, como a obsessão por reduzir os “custos trabalhistas” sem considerar as graves consequências disso, já que o desemprego resultante contribui diretamente para a expansão das fronteiras da pobreza (FT, 20).

Conforme observado na *EG*, “o mundo está profundamente marcado por guerras e violência, ou é ferido por um amplo individualismo que divide os seres humanos de maneira generalizada e busca apenas seu próprio bem-estar” (EG, 99). Em particular, Francisco convoca os cristãos em todo o mundo a testemunharem uma comunhão fraterna. Ele promove a ideia de construir uma comunidade global que possa efetivar a fraternidade entre povos e nações, não apenas em nível pessoal, mas também institucionalmente (OLIVEIRA, 2023, p.252).

Segundo Oliveira (2023, p.252-255), a política frequentemente assume formas que dificultam a busca por um mundo melhor. Para alcançarmos a fraternidade universal, é essencial reconhecer um princípio básico e fundamental: o valor intrínseco do ser humano, independente das circunstâncias. Cada ser humano possui o direito inalienável de viver com dignidade e realizar seu plano potencial, um direito fundamental que decorre do valor intrínseco de sua existência: assim, ninguém deve ser excluído (FT, 121). Sem um compromisso com a justiça, muitas palavras fundamentais se tornam vazias e modestas: ética, solidariedade mundial, dignidade dos fracos e distribuição justa dos bens. Dessa forma, para que possamos tratar adequadamente dos nossos direitos, devemos ser capazes de alargar o nosso olhar e ouvir o clamor de outras pessoas, de outras regiões do nosso país, de outros povos, especialmente dos povos mais desfavorecidos da terra (FT, 126).

### **2.3. A Sinodalidade.**

A sinodalidade “encontrou, no magistério do Papa Francisco, seu reconhecimento desenvolvimento e a concretização na Igreja”. A sinodalidade é um processo que proporciona à Igreja uma mentalidade de comunhão, plasmado a consciência sinodal (PINAS, 2022, p.365). O fundamento para o aumento da sinodalidade é a Igreja particular e o horizonte é a missão (CIPOLLINI, 2022, p.27). O processo sinodal conduzido pelo Papa Francisco é, de fato, o que

se entende na história por processo: fases preparatórias, celebrativas e executivas (SOUZA, 2022, p.24). Em 2021, teve início o processo sinodal em decorrência da assembleia geral do Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade (SOBRINHO, 2022, p.40).

O concílio Vaticano II transmitiu à Igreja a confiança de que ela pode se dirigir a todos, pois “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1). A sinodalidade e os eventos sinodais estão relacionados ao Sínodo dos Bispos, organização que, por sua natureza, expressa e promove a sinodalidade em todo o mundo. O Papa Francisco fundamenta sua abordagem na afirmação conciliar de que a Igreja é o povo de Deus: “Ser Igreja é significar ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai” (EG, 114).

É crucial compreender a sinodalidade sob a perspectiva do conceito de Povo de Deus, que estabelece a comunhão tanto na verticalidade quanto na horizontalidade. Dessa forma, o Concílio Vaticano II encerrou o individualismo, permitindo a fraternidade (SOUZA, 2022, p.23). A sinodalidade estimula a responsabilidade missionária de todos os membros da Igreja (SOUZA, 2022, p.25).

O termo “*synodos*”, que significa “caminhar juntos”, enfatiza a participação ativa e a colaboração entre os membros da Igreja, especialmente entre os bispos e o Papa. Francisco orienta-nos no sentido de que a história da Igreja demonstrando de forma ampla a relevância processo consultivo, uma vez que permite conhecer o parecer dos Pastores e dos fiéis em relação ao bem da Igreja (SOUZA, 2022, p.24). O caminho sinodal inicia-se em cada comunidade cristã, desde a base até o topo, estimulando a responsabilidade missionária de todos os membros da Igreja. O Papa costuma enfatizar que “a sinodalidade está intimamente ligada à colegialidade episcopal” (CIPOLLINI, 2022, p.31).

Uma característica relevante da sinodalidade é a dinâmica sinodal, que promove a comunhão entre todos os membros da Igreja. Francisco tem sido um grande defensor da sinodalidade e acredita que é um caminho fundamental para a revitalização da vida da Igreja. Além disso, enfatiza a relevância do “dinamismo de escuta” que visa promover o diálogo e a colaboração entre membros nas tomadas de decisões em conjunto, refletindo, dessa forma, a diversidade existente dentro da Igreja. A condição de “primeiro nível de sinodalidade” atribuída à Igreja local tem como fundamento a convivência e a colaboração cotidiana entre todos os membros da Igreja, uma vez que é nesse âmbito eclesial que se concretiza a corresponsabilidade

e a participação na evangelização, bem como os processos conduzidos com vistas ao funcionamento regular das estruturas e dos eventos de natureza sinodal (SOUZA, 2022, p.25).

Conforme Cipollini (2022, p.32), o Papa Francisco ratifica que o processo sinodal atinge seu ponto culminante com a escuta do bispo, que é convocado a se manifestar como o “Pastor e Doutor de todos os cristãos”, não apenas de acordo com suas convicções pessoais, mas também como a mais alta testemunha da fé de toda a Igreja, assegurando a obediência e a conformidade da comunidade eclesial com a vontade de Deus, o Evangelho de Cristo e a Tradição da Igreja. A sinodalidade é uma parte essencial da Igreja, pois ao longo de sua história tem representado a “busca por conversão estrutural e pastoral, visando à unidade da comunidade e à eficiência da sua missão”. Assim, para avançar juntos, “a Igreja atual precisa se abrir à experiência sinodal” (CIPOLLINI, 2022, p.47).

O sínodo tem como propósito ser o encontro do “dinamismo da escuta mútua no Espírito Santo”, que deve ser cultivada em todos “os níveis da vida da Igreja”, de modo a manter a unidade na diversidade, espelhando a sua fonte última, que é a trindade (CIPOLLINI, 2022, p.47). A sinodalidade, por sua vez, é uma das características fundamentais da Igreja. A finalidade é tornar efetiva e eficaz a participação de todos na Igreja, sendo assim, não deve ser considerada apenas sob a perspectiva jurídica ou organizacional, mas como modo uma forma de ser da Igreja (CIPOLLINI, 2022, p.47-51). A conversão pastoral para a sinodalidade requer que “certos paradigmas, ainda presentes na cultura eclesiástica, sejam superados, pois refletem uma compreensão da Igreja que não está alinhada com a eclesiologia de comunhão” (CIPOLLINI, 2022, p.87). A sinodalidade remonta às origens da Igreja. É essencial voltar às fontes com os pés fincados na realidade do tempo presente (SOUZA, 2022, p.27).

#### **2.4. Considerações parciais.**

A análise do método utilizado por Francisco na Exortação Apostólica *EG*, revela uma abordagem pastoral e teológica inovadora, que reflete a essência de seu pontificado. Francisco nos apresenta um “novo horizonte”, por meio de seu método, que é claro e explícito, demonstrando sua visão e escolha metodológicas com a clara intenção de reformar a Igreja. Ele adota uma postura de colegialidade e diálogo em seu método, centrada no ser humano em missão, de acordo com a eclesiologia do Concílio Vaticano II.

Ao longo da Exortação Apostólica *EG*, torna-se evidente o caminho delineado por Francisco, que enfatiza a necessidade de uma conversão pastoral, de uma abertura ao diálogo e ao serviço às pessoas, reforçando os valores fundamentais para atingir a dignidade humana e a

fraternidade universal. Conforme observado por Dantas (2020, p.36), “o Papa Francisco traz para Roma a marcante experiência pastoral marcante de uma Igreja Latino-americana, que procurou construir um caminho de fé que não estivesse desvinculado da Tradição nem do seu primado, mas enraizado na fé de um povo com uma história própria e uma realidade específica”. Para Francisco, anunciar o Evangelho é, antes de tudo, compreender as dores de um povo pobre e sofrido. Identificar o movimento de “caminhar juntos”, como Igreja povo de Deus, através da misericórdia e da alegria. A misericórdia é “a chave de leitura para compreender e estabelecer pontes” entre as diversas culturas, religiões e povos.

Em resumo, o método teológico-pastoral de Francisco está centrado na renovação da Igreja, fundamentada no princípios do Evangelho, na misericórdia, na abertura ao diálogo e nas transformações sociais. Ele busca identificar pontos cruciais para promover uma Igreja mais próxima das pessoas, engajada na busca pela justiça social, no diálogo inter-religioso e na participação de todos os fiéis em um processo de conversão pastoral. Portanto, é essencial, no terceiro capítulo, resgatar o entendimento da ação evangelizadora na Igreja, sua missão e perceber os desafios que ainda precisam ser enfrentados em nosso tempo atual, de acordo com o método apresentado por Francisco na Exortação Apostólica *EG*.

### 3. A AÇÃO EVANGELIZADORA E AS QUESTÕES QUE PERMEIAM NOSSO TEMPO.

“É dever da Igreja proclamar a Boa Nova da Paz, a Palavra profética de Jesus Cristo” (CNBB, 2005, p.15).

No terceiro capítulo, planejamos abordar a reflexão sobre a ação evangelizadora, compreendida como a prática de compartilhar a Boa Nova do Evangelho, e os desafios que caracterizam nosso tempo, que têm uma influência significativa na Exortação Apostólica *EG*. Como já evidenciado nos dois capítulos anteriores, é relevante focar nos desafios que enfrentamos em nossa sociedade, justificando assim a inclusão de um capítulo dedicado a essa reflexão.

O Documento 80 da CNBB (2005, p. 15) ressalta que “a Igreja proclama a Boa Nova em um contexto cultural específico, reconhecendo seus valores e seus pecados, e alertando para a presença do mal na história concreta das pessoas, das comunidades e da sociedade como um todo”. A evangelização é um elemento essencial tanto dentro quanto fora da Igreja, assim como o diálogo, que deve ser adaptado à nossa realidade atual. Seu objetivo é “despertar a consciência pessoal e coletiva dos indivíduos, sua atividade e sua vida no contexto em que vivem” (EN, 18). A Exortação Apostólica *EN*, de São Paulo VI, nos ensina que:

A evangelização há de conter também sempre – ao mesmo tempo, base, centro e ápice do seu dinamismo – uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito os homens, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus (...). A evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social. É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar, sem a qual o desabrochamento pessoal quase não é possível; sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça, e o desenvolvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa em nossos dias, ainda, sobre a libertação (EN, 27;29).

A Exortação demonstra que a evangelização surge como uma resposta a determinados desafios em um determinado período histórico e que dizem respeito a um povo ou a uma sociedade específica, como afirmam os bispos do Brasil (CNBB, 2005, p.21). O anúncio evangelizador não deve ser um aglomerado de palavras com uma finalidade proselitista, mas deve sim ser dotado do profetismo que lhe é próprio, despertando na pessoa a fé e a esperança. O desafio atual “reside em fornecer uma resposta adequada à busca de Deus por parte de muitas pessoas, de modo que não sejam levadas a satisfazê-las com propostas alienantes ou com uma imagem de Jesus Cristo desprovido de humanidade e de compromisso com o próximo” (EG, 89).

Portanto, o processo evangelizador deve estar em diálogo com a sociedade, sobretudo com os elementos da cultura e da técnica, de modo a anunciar a Boa-Nova de forma a contemplar todas as esferas sociais. A sociedade moderna é marcada por transformações significativas nos “campos da economia, política e cultura”, com reflexos tanto pessoais quanto sociais (CNBB, 2005, p.35). Ainda na *EG*, encontramos:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver junto, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos (EG, 87).

É evidente o fenômeno do “*autorreferencialismo*”, que se manifesta como um isolamento e fechamento de si mesmo. Como observa o Papa Francisco na *EG*, “o isolamento, que é uma manifestação do imanentismo, pode se expressar numa falsa autonomia que exclui Deus, mas pode também ser uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio” (EG, 89). Enfrentamos o “desafio de conviver e dialogar com pessoas que fazem escolhas diferentes, buscando valorizar os aspectos de verdade presente em diferentes perspectivas” (CNBB, 2005, p.49). Ainda na *EG*,

O desafio de hoje é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus (EG, 89).

A religiosidade popular desempenha um papel fundamental ao nos ajudar a compreender a realidade de um povo e sua cultura, estabelecendo uma harmonia entre as diferentes percepções sobre “Deus, Jesus Cristo, Maria e os santos”. Ou seja, solidificando a espiritualidade de um povo, dotado de diversos dons e ministérios. Conforme o povo desenvolve sua espiritualidade, cresce a consciência da importância da vida em comunidade e da comunhão com a Igreja, assim como da necessidade de evangelizar a todos e oferecer uma alternativa à cultura do *descarte*, do individualismo e de qualquer tipo de isolamento.

Como já mencionado, para cumprir a sua missão no mundo, a Igreja deve compreender a forma de articulação estrutural que define a sociedade, ou seja, as instituições que regulam as relações humanas (LS 142). A Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (RMI), publicada pelo Papa João Paulo II em 7 de dezembro de 1990, busca contribuir para a compreensão da missão da

Igreja. Apesar de sua publicação há alguns anos, continua sendo relevante para a realidade atual da Igreja, como podemos observar,

A Igreja está efetiva e concretamente ao serviço do Reino. Em primeiro lugar, serve com o anúncio que chame à conversão: este é o primeiro e fundamental serviço à vinda do Reino para cada pessoa e para a sociedade humana (...). A Igreja serve ainda o Reino, fundando comunidades, constituindo Igrejas particulares, levando-as ao amadurecimento da fé e da caridade, na abertura aos outros, no serviço à pessoa e à sociedade, na compreensão e estima das instituições humanas (...). A Igreja, além disso, serve o Reino, difundindo pelo mundo os “valores evangélicos”, que são a expressão do Reino, e ajudam os homens a acolherem o desígnio de Deus (RMi, 20).

A Igreja, em seu enfoque pastoral, orienta a evangelização para servir ao Reino. Nesse sentido, a pastoral da Igreja é entendida como uma ação em favor da vida abundante, visando alcançar o Reino de Deus, através da plenitude do ser humano e do cuidado com a criação. Este é o cenário apresentado pelo Evangelho.

Conforme Brighenti (2021, p.95) observa, a vida é tanto o ponto de partida quanto o de chegada de toda ação pastoral da Igreja. Portanto, a ação pastoral deve ser transformadora e profética, de acordo com a opção pelos pobres. Em outras palavras, a evangelização pode ser entendida como o exercício e a compreensão de valores e ensinamentos adquiridos para o horizonte do anúncio da “Boa Nova do Evangelho”. Esse processo envolve compartilhar a mensagem e os ensinamentos da Escritura.

A evangelização, ou a ação evangelizadora deve se adaptar às diferentes realidades que estão ao nosso redor, e dos contextos culturais e sociais que não devem ser anulados no anúncio do evangelho. É essencial que a ação evangelizadora destaque as diversas maneiras de proclamar a Palavra de Deus, reconhecendo que o Espírito Santo opera nessa dinâmica e na diversidade de carismas.

Francisco convoca todos os cristãos a transcenderem o próprio eu e a se dirigirem às pessoas, especialmente às mais necessitadas, demonstrando o amor de Cristo em suas vidas. Para ele, “a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que *‘primeiriam’*, que se envolve, que acompanha, que se frutifica e celebra” (EG,24). Como destacado anteriormente, a comunidade de evangelizadores deve estar atenta aos frutos que Cristo fecunda. Esta comunidade de evangelizadores se compromete a “acompanhar a humanidade em todos os seus processos, por mais difíceis e prolongados que sejam”, conforme é demonstrado na Carta Encíclica *Redentoris Missio*.

A primeira beneficência da salvação é a Igreja: Cristo adquiriu-a com o Seu sangue (At 20,28) e tornou-a Sua cooperadora na obra da salvação universal. Com efeito,

Cristo vive nela, é o seu Esposo, realiza o seu crescimento, e cumpre a Sua missão através dela (RMi, 9).

Na sua carta, João Paulo II enfatiza que a Igreja é simultaneamente um sinal e um instrumento de salvação, uma vez que “é necessário manter unidas essas duas verdades: a possibilidade de salvação em Cristo para todos os homens, e a necessidade da Igreja para essa salvação” (RMi, 9). Outro aspecto importante para a compreender da missão é “a ação do Espírito Santo, que impulsiona o grupo de crentes a constituir comunidades, tornando-os de fato, Igreja” (RMi, 26). De fato,

Uma das finalidades centrais da missão é reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia. Viver a “comunhão fraterna (*Koinonía*) significa ter “um coração e uma só alma (At 4,32), instaurando uma comunhão sob os aspectos humano, espiritual e material. A verdadeira comunidade cristã sente necessidade de distribuir os próprios bens, para que não haja necessitados, e todos possam ter acesso a esses bens, conforme as necessidades de cada um (At 2,45; 4,35). As primeiras comunidades, onde reinava a alegria e a simplicidade de coração (At 2,46), eram dinamicamente abertas e missionárias: gozavam da estima de todo o povo (At 2,47). Antes ainda da ação, a missão é testemunho e irradiação (RMi, 26).

Na *RMi*, o “Espírito oferece ao homem a luz e as forças necessárias para atender à sua altíssima vocação”. Ele se “manifesta particularmente na Igreja e nos seus membros, mas a sua presença e ação são universais, sem limites de espaço nem de tempo” (RMi, 28). Pois segundo a *RMi* “a presença e a ação do Espírito não se limitam aos indivíduos, mas também à sociedade e à história, aos povos, às culturas e às religiões” (RMi, 29). O Espírito, de forma extraordinária, dirige o curso da história e renova a face da terra. Outro ponto que tem sua validade diante desta realidade é “a conversão pastoral” assim como nos diz a *EG*, onde se discute a relevância da “ação evangelizadora da Igreja, levando em consideração a adaptação aos desafios do mundo atual” (EG, 179). Consequentemente,

Como é perigoso e prejudicial este habituar-se que nos leva a perder a maravilha, a fascinação, o entusiasmo de viver o Evangelho da fraternidade e da Justiça! A Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós: “todas às vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40). O que fizermos aos outros têm uma dimensão transcendente (EG, 179).

Nesta dinâmica, o Espírito conduz ao encontro essencial com Deus e revela ao homem o amor que nos leva ao encontro com Deus. A maior dificuldade atual é manter a fidelidade ao propósito, a vivência de cumprir essa missão, e principalmente viver em comunidade. A evangelização é uma tarefa que Cristo deu à sua Igreja, que revela o grande amor de Deus pelo ser humano. É imperativo que haja uma conversão pastoral, uma abertura às realidades ao nosso

redor, buscando, de forma simplificada, a simplicidade original da missão que é a reunião de irmãos, uma comunidade que compreende o seu propósito de missão.

A Igreja tem como missão cumprir a sua missão com fidelidade e, ao mesmo tempo, redescobrir a simplicidade de Cristo. A missão é avançar para se alcançar a experiência inicial, para se encontrar. A Igreja ao longo de sua história é chamada por Cristo a se redescobrir, em uma reforma perene, contínua e aberta aos sinais do tempo. A missão primordial da Igreja é mostrar o Cristo. Há a necessidade de uma conversão pastoral torna a Igreja uma verdadeira Igreja sinodal, que caminha junto, fortalecendo a participação de todos na comunidade. Em uma Igreja que visa o caminho sinodal, não se deve excluir ninguém nem deixar que ninguém se isole. O documento de Aparecida contém a seguinte declaração:

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo a serviço da instauração do reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que envolve escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta (DAp, 366).

O documento de Aparecida também aponta que “a conversão pastoral de nossas comunidades requer que se transcenda a uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp, 370), um caminho para a simplicidade. Além disso, “a conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários em torno de Jesus Cristo, Mestre e Pastor” (DAp, 368). Em outras palavras, “a conversão pastoral é a consciência do seu lugar da Igreja na história e da sua missão de diálogo com cada época” (DAp, 369).

Sem a intenção de realizar uma análise extensa de forma exaustiva acerca dos desafios, é necessário se realizar apontamentos para os desafios no mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade e da caminhada da Igreja, por meio de uma “Igreja em saída” que vai em direção aos mais necessitados. Na Encíclica *FT*, o Papa Francisco apresenta, no capítulo primeiro, a “as sombras de um mundo fechado” a necessidade de avançar para a compreensão do mundo em que estamos vivendo e a nossa realidade. Francisco afirma que, ao longo de “décadas, pareceu que o mundo tinha apreendido com tantas guerras e fracassos e, lentamente, foi caminhando para variadas formas de integração” (FT, 10). Informa, ainda, que: “A história demonstra sinais de regressão assim reacendendo conflitos anacrônicos que se julgam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” (FT, 11).

### 3.1. Pluralismo religioso.

Na *EG*, o Papa Francisco aborda diversos tópicos relevantes para a vida da Igreja. Apesar de o documento não abordar diretamente o pluralismo religioso, é importante termos noção uma compreensão adequada deste tema, a fim de nortear nosso estudo. Ao aceitarmos a diversidade, compreendemos que “a diversidade deve ser mantida equilibrada com a ajuda do Espírito Santo; somente Ele pode despertar a diversidade, a pluralidade e a multiplicidade, ao mesmo tempo em que realiza a unidade” (*EG*, 131). Ainda diz que isso serve para que todas as Igrejas possam criar “uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme” (*EG*, 220) e do diálogo (*EG*, 244-246), que permite “o intercâmbio de dons, a convivência, a cooperação e a comunhão” (*EG*, 247).

O pluralismo religioso é a existência de diversas tradições religiosas em uma sociedade. É um fenômeno social que desafia o ser humano a conviver com diferentes religiões e culturas, reconhecendo seus valores, crenças, práticas e tradições religiosas. O Papa Francisco em sua Exortação Apostólica sempre enfatiza a necessidade de respeitar a liberdade religiosa e a diversidade que permite a cosmovisão religiosa. Além disso, defende a liberdade de crença e a “valorização de todas as manifestações religiosas”, garantindo assim o direito de buscar a verdade e praticar a sua fé conforme a sua consciência. Conforme Brasil e Ferraz (2021, p.151), o mundo é plural, marcado por suas diversas características, “especialmente, com os representantes das outras tradições religiosas, inseridas numa mesma sociedade”.

No contexto do pluralismo religioso, é importante incentivar o respeito mútuo, a tolerância e o diálogo inter-religioso. Destacando o diálogo com outras tradições religiosas que permitam cumprir a sua vocação de ser sinal de comunhão e reconciliação com o mundo. O pluralismo ainda é compreendido como a busca pela compreensão e a cooperação entre os diversos grupos. Gomes e Souza (2013, p.2), apontam que a modernidade incitou um fenômeno social que desencadeou o processo de pluralidade, alterando o comportamento dos homens na sociedade.

Segundo Gomes e Souza (2013, p.3), o pluralismo religioso desafia as noções de “exclusivismo”, de modo a promover a ideia de que diferentes tradições espirituais podem existir, o que contribui para a riqueza de uma cultura e de uma sociedade. O pluralismo religioso surge a partir do “secularismo e à laicização do estado”. Segundo eles, “o estado laico e o pluralismo religioso serão aceitos na sociedade sem restrições, permitindo a liberdade de

escolha sem interferências externas, uma vez que o secularismo visa um estado democrático livre” (GOMES; SOUZA, 2013, p.4).

Conforme Gome e Souza (2013, p.4-5), não há “mais um monopólio religioso, mas sim uma abertura para um novo paradigma que valorize a pluralidade religiosa e a liberdade do indivíduo. Embora a secularização cause uma divisão no mundo sagrado, isso não significa a ausência da religião”. A religião se manifesta “no mundo secular como consequência de uma natureza intrínseca do homem”. Ou seja, “o pluralismo religioso é a expressão da religiosidade do ser humano, que busca o sentido para viver” (GOMES; SOUZA, p.4). Apesar de não ser tema na *EG*, o documento reflete “sobre as relações entre a Igreja e o mundo”, enfatizando a importância do respeito mútuo e da cooperação entre cada indivíduo. De acordo com Brasil e Ferraz (2021, p.160), a Evangelização deve ser conduzida de forma aberta ao diálogo com todos, visando o enriquecimento mútuo e o máximo respeito às identidades.

### 3.1.1. O diálogo inter-religioso.

Segundo Wolff (2022, p.267), o Papa Francisco é um dos principais impulsionadores de uma “cultura do diálogo” e da “cultura do encontro” atualmente, o que coloca a Igreja num amplo e rico horizonte de relações, “tanto *ad intra* quanto *ad extra*”. Na *EG*, o Papa Francisco menciona o “diálogo inter-religioso”, que busca promover de forma consciente a paz, e o respeito à diversidade multicultural da sociedade, “que se abre ao diálogo com as outras religiões” (*EG*, 250). O diálogo é “confirmado como um método para o intercâmbio com as outras experiências religiosas” (*EG*, 250). De acordo com a *EG*, ainda os objetivos desses intercâmbios inter-religiosos são claros: “a paz no mundo, a harmonia, a amizade inter-religiosa, a justiça social, o desenvolvimento dos povos, o enriquecimento mútuo, o testemunho dos fiéis, a proteção da liberdade religiosa, a tolerância, a defesa da dignidade humana e a proteção da criação” (*EG*, 247-258).

Conforme Wolff (2022, p.267), “o diálogo torna-se uma categoria eclesial no magistério de Francisco, reconfigurando a compreensão da Igreja e a sua forma de ser e agir”. Dessa forma, “desde o início de seu pontificado, ele propõe uma Igreja ‘em saída’, uma ‘conversão pastoral’, o ‘cuidado com a casa comum’ e a ‘amizade social’”. Francisco apresenta um vocabulário próprio, que faz valer a eclesiologia conciliar, sobretudo “no que diz respeito ao papel da Igreja em relação no mundo e nos seres humanos”. Ele não propõe uma Igreja superficial ou falsa, mas sim “uma abertura, na verdade e no amor” (*EG*, 250).

De acordo com Brasil e Ferraz (2021, p.162), para que as suas propostas sejam de fato praticadas, é necessário “que em todos os membros do Povo de Deus estejam dispostos a superar os obstáculos que limitam o potencial das religiões, como promotoras da paz e do bem-estar social”. Segundo o DP (n. 1096), a finalidade de tudo isso é “promover o diálogo ecumênico entre as religiões e com os não crentes, com vistas à comunhão, buscando áreas de participação para o anúncio universal de salvação”.

Conforme Brasil e Ferraz (2021, p.165), o diálogo inter-religioso pode “estimular uma nova forma de convivência com os outros, numa casa que é comum, e nutrir uma responsabilidade compartilhada em torno das questões que nos são comuns”. Conforme a *EG* Francisco, ao propor este diálogo, visa como objetivo a busca de uma paz duradoura: “este diálogo inter-religioso é uma condição indispensável para a paz no mundo e, conseqüentemente, é um dever para os cristão e para outras comunidades religiosas” (EG, 250). É indispensável uma abertura, apesar dos vários obstáculos e dificuldades que surgem ao longo do caminho. Neste diálogo, que deve ser “sempre amável e cordial, nunca se deve negligenciar o vínculo essencial entre diálogo e anúncio, o que estimula a Igreja a manter e intensificar as relações com os não-cristãos” (EG, 251).

O diálogo ecumênico é uma ferramenta indispensável para dar testemunho da fé cristã. Conforme Brasil e Ferraz (2021, p.165), “a construção do diálogo entre crentes e não crentes deve ser um esforço em conjunto para a defesa da dignidade humana, prezando pelos direitos básicos de cada ser humano, criando uma via para proclamação do Evangelho da salvação”. O diálogo inter-religioso, segundo a *EG*, deve expressar o amor ao próximo: “A verdadeira abertura implica manter as crenças mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas disponível para compreender as do outro” (EG, 251).

Para compreender de um amor ao próximo, é preciso construir, com honestidade e sinceridade, uma cultura de diálogo e de acolhida. A condição *sine qua non* para o verdadeiro diálogo é a firmeza nas próprias convicções, sem subestimar as convicções do outro. Em outros termos, “dialogar” não é misturar diferentes ideias a respeito de um mesmo tema, tampouco uma disputa de argumentos, no fim da qual vence o melhor.

“Dialogar” é, finalmente, a capacidade de perceber, sob diferentes pontos de vista, o ponto em comum, o que provoca união. Em nosso contexto “requer uma compreensão mais lúcida dá outro religioso, sem estereotipá-lo, mas para tal se faz necessário a educação de nossas comunidades para o diálogo” (BRASIL; FERRAZ, 2021, p.160-161). Uma das propostas

visíveis da *EG* é encorajar a abertura ao diálogo, uma ferramenta tão necessário ao nosso tempo, para promover a missão de evangelizar. Como será apresentado,

A evangelização implica também um caminho de diálogo. Neste momento, existem sobretudo três campos de diálogo em que a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (*EG*, 238).

O diálogo deve ter em vista a responsabilidade de formar consciência da missão, para um caminho de paz, para o encontro, a comunhão e a participação de todos. O diálogo é sempre aberto, um caminho construído em conjunto para avançar nas discussões complexas de nossa realidade e cumprir o “mandato missionário de Jesus Cristo”. É importante reconhecer no diálogo inter-religioso a responsabilidade e o aprofundamento de temas relevantes para a promoção da paz, apesar das diferenças.

### **3.2. Secularização.**

O Papa Francisco não deixa de enfatizar a necessidade de uma abertura sempre ao diálogo. A secularização, por sua vez, revela os perigos graduais do abandono dos preceitos culturais ou da negação da religião. Apesar de Francisco não ter trabalhado na *EG*, é necessário compreender as discussões e desafios enfrentados pela fé e pela missão da Igreja. Francisco refere-se a uma “cultura do bem-estar”, onde, “o processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo” (*EG*, 64). Além disso, “a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um declínio do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo” (*EG*, 64). Dessa forma, é necessária “uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho para o amadurecimento dos valores” (*EG*, 64).

De acordo com Francisco na *EG*, apesar de toda a corrente secularista que está tomando conta da “sociedade, em diversos países – mesmo onde o cristianismo é uma minoria –, a Igreja Católica é uma instituição reconhecida pela opinião pública, confiável no que diz respeito à solidariedade e à preocupação pelos mais desfavorecidos” (*EG*, 65). A secularização é um fenômeno complexo e multifacetado. Isso demonstra características preocupantes para os desafios atuais, como o declínio da influência religiosa, marcado pela diminuição da adesão às crenças; o crescimento do secularismo, que defende a separação entre religião e os assuntos públicos; a pluralidade religiosa; as mudanças na esfera pública acerca da valorização secular;

e os desafios para as comunidades religiosas, que buscam adaptar as mudanças sociais e culturais (EG, 65). Outra dificuldade apresentada refere-se à família. Como Francisco disse,

A família atravessa uma crise profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata de célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos (EG, 66).

Francisco, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (AL), vai mais a fundo nessa questão: Para ele, “o caminho sinodal permitiu analisar a situação das famílias no mundo atual, ampliar a nossa visão e reavivar a nossa consciência sobre a importância do matrimônio e da família” (AL, 2). Francisco aponta a necessidade de reconhecer os desafios do nosso tempo e, com sabedoria enfrentá-los: “Hodiernamente, a influência antropológica-cultural sobre todos os aspectos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada” (AL, 32). Ainda assim,

O enfraquecimento da fé e da prática religiosa, em algumas sociedades, afeta as famílias, deixando-as ainda mais sós com as suas dificuldades. Os Padres disseram que “uma das maiores pobreza da cultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações [...]. As consequências negativas, sob o ponto de vista organização social, são evidentes: da crise demográfica às dificuldades educativas, da fadiga em acolher a vida nascente ao sentimento da presença dos idosos como um peso, até a difusão de um mal-estar afetivo que às vezes chega à violência. O Estado tem a responsabilidade de criar as condições legislativas e laborais para garantir o futuro dos jovens e ajudá-los a realizar o seu projeto de formar uma família” (AL, 43).

Francisco também questiona o “relativismo”, que afeta os agentes de pastorais, “como se Deus não existisse, ignorando os pobres, os necessitados e aqueles que ainda não receberam o anúncio do Evangelho” (EG, 80). Ele aconselha que não se deixe levar pelo relativismo, mantendo o entusiasmo missionário de acordo com os valores do Evangelho. Francisco também enfatiza a importância da religião, não apenas como uma questão privada ou individual, mas como uma força, que busca transformar o mundo por meio da transmissão dos valores evangélicos, que contribuem para uma sociedade mais justa e fraterna, devido às suas responsabilidades com todos os cristãos. A “fé autêntica, que não é cômoda nem individualista” (EG, 183).

Além disso, é dever de todos os cristãos transmitir valores, inclusive os Pastores, que devem se preocupar “com a construção de um mundo melhor. É disto mesmo que se trata, pois o pensamento social da Igreja é primeiramente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, conseqüentemente, é um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo” (EG, 183).

### 3.2.1. Tecnologia e os meios de comunicação digital.

Ao analisarmos a tecnologia e os meios de comunicação digital, devemos levar em conta a sua evolução. No magistério de Francisco, esta discussão está presente em seus documentos e discursos. Francisco menciona a tecnologia como uma ferramenta que pode ser usada tanto para o bem como também para o mal. A tecnologia e os meios de comunicação exercem um papel importante e significativo na sociedade moderna.

O Papa destaca a importância de uma tecnologia que esteja a serviço de um bem comum, e não apenas do consumismo descontrolado. De acordo com Souza (2023, p.2), a Igreja, tem como objetivo incentivar uma ética, nos meios de comunicação, que vise ao bem comum, uma vez que esses meios têm uma ampla importância, e, quando vinculada, a mídia é uma poderosa força de persuasão que molda as atitudes e os comportamentos no mundo contemporâneo. Em 28 de maio de 2023, o dicastério para a comunicação, na cidade do Vaticano, publicou uma mensagem sobre a necessidade de uma reflexão sobre a presença dos cristãos nas redes sociais e no mundo digital, tendo como horizonte uma conversão pastoral. Desta forma,

foram dados grande passos na era digital, mas uma das questões urgentes que ainda deve ser abordada é o modo como nós, enquanto indivíduos e comunidade eclesial, devemos viver no mundo digital com “amor ao próximo”, genuinamente presentes e atentos uns aos outros na viagem comum ao longo das “rodovias digitais” (DICASTÉRIO PARA COMUNICAÇÃO, 2023, n.1).

O texto enfatiza a importância de estarmos atentos a este ambiente digital, refletindo sobre os avanços tecnológicos e as mudanças, principalmente nas redes sociais, mas também é necessário também discutir sobre os riscos que nos são apresentados, seus desafios como a influência da inteligência artificial e a necessidade de redescobrir o encontro humano autêntico. É importante salientar a importância de cultivar relacionamentos autênticos, criando comunidades virtuais saudáveis que promovam encontros reais, que colaborem de fato para uma evangelização autêntica sem distorcer a mensagem do Evangelho. É necessário transmitir a fé de forma autêntica:

Do prisma da fé, o que é como comunicar não é somente uma questão prática, mas também espiritual. A presença nas plataformas das redes sociais requer discernimento. Comunicar-se bem em tais contextos é um exercício de prudência e exige uma ponderação orante sobre o modo como entrar em contato com os outros. Abordar esta questão na ótica da interrogar do escriba, “Quem é o meu próximo?”, exige discernimento a propósito da presença de Deus no e através do modo como nos relacionamos uns com os outros nas plataformas das redes sociais (DICASTÉRIO PARA COMUNICAÇÃO, 2023, n.41).

Conforme o Dicastério para comunicação (2023, n.42), a proximidade está ligada tanto às pessoas próximas quanto às “que não podemos ver, seja porque as plataformas nos impedem

de vê-las, seja porque simplesmente não estão presentes”. Ou seja, “reconhecer o próximo digitalmente implica reconhecer que a vida de cada um no que diz respeito, até quando sua presença (ou ausência) é medida por meios digitais” (DICASTÉRIO PARA COMUNICAÇÃO, 2023, n.43). Sendo assim ainda,

Os meios de comunicação atuais permitem-nos comunicar e partilhar nossos conhecimentos e afetos, como diz o Papa Francisco na *Laudato Si*, “mas às vezes também nos impedem de entrar em contato direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade de sua experiência pessoal”. Ser próximo nas redes sociais significa estar presente nas histórias dos outros, especialmente de quem sofre. Em síntese, defender melhores ambientes digitais não significa desviar o foco dos problemas concretos experimentados por muitas pessoas – por exemplo, fome, pobreza, migração forçada, guerra, doença e solidão. Pelo contrário, significa defender uma visão integral da vida humana que, atualmente, abrange o mundo digital. Com efeito, as redes sociais podem ser um modo de chamar mais atenção para tais realidades e construir a solidariedade entre aqueles que estão próximos e distantes (DICASTÉRIO PARA COMUNICAÇÃO, 2023, n.43).

Conforme Silva (2023, p.2), a comunicação é um elemento estratégico e competente nas ações pastorais, não somente como um processo informativo, mas também como um instrumento de evangelização. A Igreja defende o anúncio e a veracidade da Boa Nova, “de acordo com o Evangelho, o Magistério e a Tradição” (SILVA, p.3). A mensagem da Igreja, “tanto nas redes sociais quanto nos meios de comunicação, não se deve deixar influenciar por opiniões oriundas de ideologias e de pensamentos pessoais” (SILVA, p.3). Os meios de comunicação por sua vez devem contribuir para a divulgação da opinião pública correta.

Silva (2023, p.4) aponta que a comunicação *on-line* apresenta um novo contexto, uma vez que o estilo e a mensagem criam maneiras de encarar a dinâmica comunitária e a maneira de viver a fé cristã. A comunidade tem por si uma missão importante: a de criar uma consciência da realidade e da história, de acordo com a criação primeira e com o projeto de salvação de Deus. As mensagens transmitidas pelas mídias, sejam elas ideologias ou mensagens de ódio, causam muitos problemas e, quando usadas de forma irresponsável. É possível notar este fato na *FT*, onde o Papa Francisco diz:

Entretanto, os movimentos digitais de ódio e destruição não constituem – como alguns pretendem fazer crer – uma ótima forma de mútua ajuda, mas meras associações contra um inimigo. Além disso, «os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas». Fazem falta gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana. As relações digitais, que dispensam da fadiga de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um «nós»; na verdade, habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis. A conexão digital não basta para lançar pontes, não é capaz de unir a humanidade (FT, 43).

Nas mídias, as pessoas se tornam vulneráveis, objeto de atenção. A falta de consideração pelo outro pode resultar no afastamento, no isolamento em busca de sentido e de conexões. O Papa Paulo VI promulgou o decreto sobre os meios de comunicação social *Inter Mirifica* (IM) em 4 de dezembro de 1963, como fruto do Concílio Vaticano II. O presente documento é relevante devido ao reconhecimento novas tecnologias de comunicação como um caminho necessário para uma evangelização eficaz no mundo contemporâneo. Este documento “refere-se aos meios de comunicação, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outros meios semelhantes de interfaces de comunicação” (IM, 1). Como será dito no início do decreto.

Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meio de comunicação social (IM, 1).

O decreto é composto por 24 tópicos, que tratam as preocupações e problemas relacionados à comunicação social. O decreto estabelece que os meios de comunicação devem ser usados de forma consciente e correta. As normas morais devem nortear o comportamento dos missionários, agentes ou produtores de conteúdo e formação cristã (SILVA, 2023, p.4). É necessário utilizar esses meios para evangelizar e para promover os valores cristãos, evitando abusos para promover o bem comum, incentivando a formação de profissionais, que estejam atentos a essa evolução, para promover a consciência de justiça e dignidade humana. A mensagem do Santo Padre para a celebração do Dia Mundial da Paz, em 1 de janeiro de 2024, é a seguinte:

O desenvolvimento duma tecnologia que respeite e sirva a dignidade humana tem implicações claras para as instituições educativas e para o mundo da cultura. Ao multiplicar as possibilidades de comunicação, as tecnologias digitais permitiram encontrar-se de novas formas. Todavia continua a ser necessária uma reflexão contínua sobre o tipo de relações para onde nos estão encaminhando. Os jovens estão a crescer em ambientes culturais impregnados de tecnologia, o que não pode deixar de pôr em causa os métodos de ensino e formação (FRANCISCO, 2024, n.7).

Em outras palavras, a comunicação deve ser um indicador de evolução na transmissão do evangelho e na missão da Igreja. Deve-se focar na propagação do Reino de Deus, buscando estratégias para uma ação evangelizadora eficaz, onde todos somos chamados como Igreja a testemunhar a verdade. A Igreja deve ser um sinal de esperança para responder aos desafios que surgem no nosso tempo.

### 3.3. Fraternidade Universal.

O Papa Francisco é um grande referencial para o nosso tempo, pois, sua simplicidade, trazer questões importantes para serem discutidas e dialogadas, enfatizando a importância da “fraternidade universal” em seus ensinamentos e ações. Ele aborda a necessidade de superar as diferenças e estabelecer pontes entre diferentes culturas para promover a justiça para todos. A fraternidade deve ser considerada como uma referência que nos torna todos como irmãos, que se baseia na solidariedade, empatia e respeito mútuo.

A fraternidade universal é um conceito que expressa a ideia de unidade, solidariedade e igualdade, com o objetivo de transcender as divisões e os conflitos que muitas vezes, parecem não ter solução. A ideia é que todos os seres humanos, em sua essência, devem viver em comunhão. Isso implica em reconhecer as conexões e a interdependência de todos. A Constituição Pastoral GS, visa direcionar esta questão, tanto social, econômica e política, enfatizando a fraternidade como um meio de cooperação entre os povos para se promover a justiça, ressaltando a importância do amor fraterno, fundamental para uma fraternidade universal. Dessa forma,

Deus, que por todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos. Com efeito, todos, criados à imagem e semelhança daquele Deus que “de um só fez toda a raça humana, para habitar sobre toda a face da terra” (At 17,26), são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus. [...] E por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos. Mas a Sagrada Escritura ensina-nos que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo: “... todos os outros mandamentos se resumem nesta sentença: amarás o teu próximo como a ti mesmo... A caridade é pois, a lei na sua plenitude (Rm 13,9-10; cf. 1Jo 4,20) (GS, 24).

Em seguida, apresenta-nos a necessidade do bem comum, onde todos são chamados a contribuir de acordo com sua própria aptidão. É crucial “reconhecer e respeitar os direitos e as necessidades dos outros” (GS, 24). logo,

A interdependência, cada vez mais estreita e progressivamente estendida a todo o mundo, faz com que o bem comum – ou seja, o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição – se torne hoje cada vez mais universal e que, por esse motivo, implique direitos e deveres que dizem respeito a todo o gênero humano. (...) Simultaneamente, aumenta a consciência da eminente dignidade da pessoa humana, por ser superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis (GS, 26).

Além disso, defende que é necessário tornar acessível “ao homem todos os elementos necessários para uma vida verdadeiramente humana”. Ele termina dizendo: “O Espírito de Deus, que dirige o curso dos tempos e renova a face da terra com admirável providência, está

presente a esta evolução” (GS, 26). A GS convida a assumir a “responsabilidade e à participação social”:

Para que cada homem possa cumprir mais perfeitamente os seus deveres de consciência quer para consigo quer em relação ao vários grupos de que é membro, deve-se ter cuidado de que todos recebam uma formação mais ampla, empregando-se para que os consideráveis meios de que hoje dispõe a humanidade. Antes de mais, a educação dos jovens, de qualquer origem social, deve ser de tal maneira organizada que suscite homens e mulheres não apenas cultos mas também de forte personalidade, tão urgentemente exigidos pelo nosso tempo (GS, 31).

É um convite à educação para uma cidadania responsável, criado, dessa forma, consciência de uma formação educacional que não se limita a si mesmo, mas também em relação aos grupos sociais e ao cumprimento de cada um de seus deveres. Na *GS* destaca, ainda, a dignidade humana, elemento fundamental para que cada indivíduo possa corresponder à sua vocação. É necessário ter compreensão para assumir a sua missão, aceitando as dificuldades e se dedicando ao serviço da comunidade humana. Consequentemente,

É preciso, porém, ter sempre em conta a situação real de cada povo e o necessário vigor da autoridade pública. Mas para todos os cidadãos se sintam inclinados a participar na vida dos vários grupos de que se forma o corpo social, é necessário que encontrem nesses grupos bens que os atraiam e os predisponham ao serviço dos outros. Podemos legitimamente pensar que o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar (GS, 31).

A *GS* reconhece a necessidade de uma fraternidade universal e aponta à Igreja o que é seu “dever”. É importante ressaltar o compromisso da Igreja em propagar os valores do Evangelho, fundamentais para a promoção da fraternidade universal. A *FT* e a *LS* nos convidam à solidariedade, ao amor ao próximo e à “construção de um mundo mais justo e fraterno”. Este princípio enfatiza a união, independentemente da realidade e das diferenças, buscando uma dignidade universal, e uma harmonia. Podemos também ter como horizonte o princípio do bem comum já apresentado na *GS*, mas também está presente na *LS*, como segue:

O Bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. Entre tais grupos, destaca-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade. Por fim, o bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência. Toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum (*LS*, 157).

A fraternidade é um convite para superar os desafios que se surgem ao nosso tempo como um caminho de reconciliação, comunhão e participação, um convite a compreender que somos todos irmãos e irmãs. A fraternidade é caracterizada pelo compromisso e cooperação

para a construção de caminhos sólidos, estabelecendo relações de respeito e abertura ao novo. Na Encíclica *FT*, o Papa Francisco aborda a Fraternidade universal, pedindo à solicitude global, à cooperação e à amizade social. Nesta Encíclica, Francisco enfatiza importância de reconhecer a todos como irmãos e irmãs, independente de suas diferenças. A Encíclica inicia-se dizendo:

*Fratelli Tutti*: escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, “o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si”. Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada um nasceu ou habita” (FT, 1).

Francisco expressou suas preocupações quanto “à fraternidade e à amizade social, após o encontro com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, onde ele se encontrou em Abu Dhabi, para recordar que Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, deveres e dignidade, e os chamou para conviverem entre si como irmãos” (FT, 5). Francisco tece uma reflexão acerca deste assunto. Indicando a sua intenção ao elaborar esta Encíclica,

Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade (FT, 6).

O Papa Francisco deseja, com ardor, “reconhecer a dignidade de cada ser humano, para que possa ressurgir um anseio mundial de fraternidade” (FT, 8). É preciso reconhecer que a vida não pode ser enfrentada de forma isolada, que é preciso que uma comunidade se apoia, que auxilia e que ajude a enxergar novos horizontes, que sonha juntos, que caminha juntos, que caminham na mesma direção, em sua riqueza de fé e de convicções, cada um com a sua voz, mas todos como irmãos e irmãs. A *FT* reforça a intenção de Francisco de criar uma cultura do encontro e do diálogo, que se baseia em todo um método para compreender a realidade atual. É uma “chave de leitura para compreender a necessidade de uma mudança em uma realidade totalmente machucada pelas divisões” (FT,9).

A fraternidade não deve ser uma construção de ideias abstratas, distante da realidade, mas sim um princípio que nos orienta e nos aproxima. É um convite diário a todos os cristãos a promoverem juntos caminhos de fraternidade universal, ou seja, a fraternidade deve estar baseada numa relação de amizade, que desempenha um papel importante na coesão e no funcionamento saudável a todos. A amizade deve estar fundamentada nas conexões interpessoais que possam contribuir para a comunidade em geral. Em outras palavras,

Ninguém amadurece nem alcança sua plenitude, isolando-se, mas, devido à sua própria dinâmica, o “amor” exige uma maior abertura, uma maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim que faz com que todas as periferias se convertam para um sentido pleno de mútua pertença. Jesus disse-nos “*Vós sois todos irmãos*” (Mt 23,8) (FT, 95).

A amizade social deve ser baseada na construção de comunidades, onde as pessoas se sintam conectadas através de laços de amizade, solidariedade e caridade. O objetivo desta amizade é cooperar para superar os desafios comuns, promovendo transformações na realidade concreta, através de uma conversão pastoral, missionária efetiva e para todos. Deve-se proceder para a unidade. A fraternidade e a amizade social são horizontes que podem nos auxiliar a lidar com os desafios que nos são apresentados em nosso tempo, diante de um método teológico-pastoral de Francisco. Ele nos apresenta diversas chaves de leitura para uma conversão pastoral que nos leve a uma fraternidade universal, abertos ao diálogo, e uma “Igreja em Saída”.

### **3.4. Considerações Parciais.**

O terceiro capítulo teve como horizonte iluminar os desafios que se apresentam no mundo atual. Em um primeiro lugar, foi preciso necessário analisar o contexto em que se vivemos. A Igreja e todos os fiéis têm a sua missão de evangelizar, não apenas através da proclamação da palavra, mas também através do testemunho de vida. Ao analisar, deve-se buscar bases sólidas para corresponder aos novos desafios surgidos no presente tempo.

Outro ponto relevante é compreender este processo de conversão pastoral, seja no âmbito individual ou comunitário, para que a missão da Igreja seja eficaz na sua missão de evangelizar. Ponto a se refletir é a importância do reconhecimento e da valorização da diversidade religiosa na sociedade, que deve ressaltar a necessidade de uma harmonia. Francisco enfatiza a importância do respeito e da cooperação mútua entre todos, convergindo para um diálogo responsável. O diálogo inter-religioso deve ser horizonte para a promover a paz, a justiça e o respeito.

A secularização, por sua vez, tem como objetivo analisar os desafios apresentados pela fé, o que deve ser compreendido como a promoção de valores éticos, autênticos e genuínos. É importante ressaltar o diálogo e o respeito para promover a compreensão necessária para entender as necessidades do mundo atual. As mídias sociais por sua vez, devem contribuir para este desafio, que é promover o bem comum e a promoção da evangelização de forma genuína.

A fraternidade universal é o horizonte que pode ajudar a lidar com os desafios atuais. Em seu método teológico-pastoral, Francisco apresenta uma variedade de horizontes. A fraternidade universal, que busca a unidade, a solidariedade e a igualdade entre todos os membros que ultrapassa as diferenças e os conflitos. A fraternidade pode nos auxiliar a lidar com os desafios de forma aberta, buscando a dignidade humana e os direitos de todos, uma vez que somos todos irmãos.

## Considerações finais

Ao longo deste estudo, analisamos diversos tópicos com o objetivo de analisar a metodologia de ação evangelizadora, que se concentra na Exortação Apostólica *EG* do Papa Francisco. Da análise histórica à análise dos desafios atuais enfrentados pela Igreja, uma ideia permanece central: a urgência de renovar e adaptar a evangelização para atender às necessidades do mundo atual. É importante salientar pontos-chave discutidos, destacando traços para o futuro da missão da Igreja.

É válido sempre a renovação da evangelização, que deve ter sempre como horizonte a “Igreja em Saída”, que busque novas abordagens, e isso implica em se adaptar aos desafios atuais, mas não se submeter a eles, mas fazendo a partir do Concílio Vaticano II uma leitura da realidade de cada tempo, e suas principais contribuições para o nosso tempo. O primeiro capítulo nos ajudou a, a partir das fontes recuperar caminhos que ainda são necessários para uma Igreja missionária, sua missão, sai de si e permanece fiel à sua vocação inicial, de ser presença de Jesus e sinal do Reino. A eclesiologia conciliar nos aponta o caminho do diálogo, é preciso que ela renove, se deixe iluminar e não permaneça estática, mas dinâmica, impulsionada pelo Espírito Santo. Além disso, é possível notar nas Constituições, Exortações e Conferências, a ação de evangelizar, que mergulha na realidade de um povo.

Na Exortação *EG*, Francisco surpreende ao apresentar um método teológico-pastoral que, 50 anos após o Concílio, põe em prática os apontamentos conciliares. Não é um método novo, mas a novidade reside no fato de um Papa “filho do Concílio” estabelecer as diretrizes conciliares como prioridade em seu pontificado. Ele resgata os conceitos de colegialidade, diálogo, sinodalidade. Além disso, ele questiona métodos antiquados de evangelização e condução pastoral. De modo a redescobrir a missão da Igreja de forma simples e objetivando promover a dignidade humana, a solidariedade e a fraternidade universal, é necessário assumir o compromisso de anunciar a Boa Nova a todos os povos, independentemente dos desafios apresentados. Esses desafios requerem uma resposta adaptativa e criativa por parte da Igreja. Ao analisarmos o pluralismo, o secularismo, os impactos das mídias sociais e outros desafios que ainda nos são apresentados, identificamos o mandato missionário.

A nossa conclusão deste trabalho sugere a necessidade de a Igreja continuar refletindo sobre sua missão e adaptando suas práticas evangelizadoras para enfrentar os desafios em constante mudança no mundo, com base nos princípios do Evangelho e nos sinais atentos do Magistério. É importante fornecer sempre bases sólidas para o futuro no campo das reflexões.

Em suma, a Igreja, por meio da ação do Espírito Santo, é um instrumento de amor que transforma as relações, levando assim a mensagem de esperança, reconciliação e salvação a todos, sempre buscando cumprir a vontade de Deus para construir o Reino de Deus também na Terra. Uma fraternidade justa, que saia da ideia abstrata e se aplique à realidade de todos, que expresse a comunhão e a participação. O compromisso de evangelizar e tornar acessível a todos a alegria do Evangelho. É importante reconhecer que todos estão envolvidos nesta missão.

## Referências

ALMEIDA, Antônio José de. *Aggiornamento*, in, **Dicionário do Concílio Vaticano II** / [dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção dicionários). p.8-9.

AMADO, D. Joel Portella. **O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja**. Ateo, Rio de Janeiro, v.22, n.58, p.65-90, jan./abr.2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32793/32793.PDF>. Acesso em: 20.out.2023.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 Concílios da Igreja de Niceia ao Vaticano II**. – Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2016.

BENTO XVI [PAPA]. **Viagem Apostólica de sua Santidade Bento XVI ao Brasil por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe: Sessão inaugural dos trabalhos da V conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**. Discurso do Papa Bento XVI – Sala das conferências – Santuário de Aparecida, 13 de maio de 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html). Acesso em: 20.out.2023.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002

BOGAZ, Antônio Sagrado. **Vaticano II: novos tempos e novos templos**/ Antônio Sagrado Bogaz, João Henrique Hansen. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Marco Conciliar).

BRASIL, Jefferson Grijo; FERRAZ, Chrystiano Gomes. **Evangelização e diálogo inter-religioso: apontamentos no documento de Puebla e na *Evangelii Gaudium* para o contexto plural Brasileiro**. PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP, Recife, PE, Brasil, v.12, n.29, p.151–166, 2021. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1868>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRIGHENTI, Agenor. **O método ver-julgar-agir: da Ação Católica à Teologia da Libertação** /Agenor Brighenti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

\_\_\_\_\_. **Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora** /Agenor Brighenti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. – (Coleção Iniciação à Teologia).

CATÃO, Francisco. **Vaticano II: mensagens, discurso** / Tradução Francisco Catão. – São Paulo: Paulinas, 1998.

CAVACA, Osmar. **Uma eclesiologia chamada Francisco estudo da eclesiologia do papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium***. – Revista de Cultura Teológica Ano XXII, n.83, jan/jun 2014, p.15-34. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/19221/15080/51721>. Acesso em: 23.fev.2024.

CELAM. **Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. [DAP] Brasília-DF/Rio de Janeiro: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007. – 17ª reimpressão, 2016.

CIPOLLINI, Pedro Carlos. **Por uma Igreja sinodal: sinodalidade – tarefa de todos** / Dom Pedro Carlos Cipollini. – 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2022. (Coleção Sínodos).

COLLETO, Raquel Maria de Paola. **A *Gaudium et Spes* e a *Evangelii Gaudium*: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral** / Raquel Maria de Paola Colleto. – Porto Alegre, 2015. 145 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia – Faculdade de teologia, PUCRS. Repositório Institucional- PUCRS. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7225>. Acesso em: 24. out. 2023.

CONCÍLIO VATICANO. **Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)** / [organização geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticano II]. – São Paulo: Paulus, 1997. – (Documentos da Igreja).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL [CNBB] **Evangelização e missão profética da Igreja – Novos desafios**. Documento da CNBB n. 80. São Paulo: Paulinas, 2005.

DANTAS, Erivaldo. **Por uma “Igreja em saída”**. Revista Vida Pastoral, Publicado em janeiro-fevereiro de 2020 – ano 61 – número 331 – p.30-37. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/por-uma-igreja-em-saida/>. Acesso em: 20.fev.2024.

DISCATÉRIO para a comunicação. **Rumo à presença pela: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais.** Cidade do Vaticano 2023. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/dpc/documents/20230528\\_dpc-verso-piena-presenza\\_pt.html](https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html). Acesso em: 21.mar.2024.

FERREIRA, Vicente. **Prefácio**, in, JÚNIOR, Francisco de Aquino e SOUZA, Ney de. **10 anos de Francisco: balanço e perspectivas** /Francisco de Aquino Júnior; Ney de Souza (org.). São Paulo: Editora Recriar, 2023. p.9-12.

FIORE, André Gustavo Di. **O laicato no pontificado de Francisco: Protagonismo na alegria do evangelho**, in, JÚNIOR, Francisco de Aquino e SOUZA, Ney de. **10 anos de Francisco: balanço e perspectivas** /Francisco de Aquino Júnior; Ney de Souza (org.). São Paulo: Editora Recriar, 2023. p.13-27.

FRANCISCO [PAPA]. **Carta Encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum** [LS]. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 15.mar.2024.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** [EG]. Edições CNBB. 2013.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família.** [AL]. Edições Paulus, 2016.

\_\_\_\_\_. ***Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social** [FT]. São Paulo, Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa santa marta, por uma cultura do encontro.** Publicado no *L'Osservatore Romano*, ed. em português, n.37 de 15 de setembro de 2016. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie\\_20160913\\_cultura-do-encontro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html). Acesso em: 20.fev.2024.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2024: Inteligência Artificial e Paz.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>. Acesso em: 27.mar.2024.

\_\_\_\_\_. *Misericordiae Vultus* [MV], bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html). Acesso em: 19. Fev.2024.

GODOY, Manoel de. **Celam – Conselho Episcopal Latino-Americano**, *in*, Dicionário do **Concílio Vaticano II** / [dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção dicionários). p.95-99.

\_\_\_\_\_. **Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano**, *in*, **Dicionário do Concílio Vaticano II** / [dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção dicionários). p.209-217.

GOMES, Edgar da Silva. **Os papas do Concílio: João XXIII e Paulo VI**, *in*, ABREU, Elza Helena de; SOUZA, Ney de. **Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais** / Elza Helena de Abreu, Ney de Souza (orgs.). – São Paulo: Paulinas: UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2014. – (Coleção teológica, interdisciplinaridade e sociedade).

GOMES, Francisco Fernandes; SOUZA, Wilson Rufino de. **Modernidade e Pluralismo Religioso**. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXIII n. 000041, 17/09/2013, p.01-11. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/modernidade-e-pluralismo-religioso>. Acesso em: 18.mar.2024.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et Spes*, *in*, **Dicionário do Concílio Vaticano II** / [dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção dicionários). p.395-400.

JOÃO PAULO II [PAPA], **Carta Encíclica Redemptoris Missio** [RMi] - Sobre a validade permanente do mandato missionário. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html). Acesso em: 13.mar.24.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão.** – Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005. – (Coleção Theologica).

LOPES, Geraldo. **Gaudium et Spes: texto e comentário** / Geraldo Lopes. – São Paulo: Paulinas, 2011. – (Coleção revisitar o Concílio).

MALVEZZI, Roberto. **Papa Francisco e a opção pelos pobres**, in, JÚNIOR, Francisco de Aquino e SOUZA, Ney de. **10 anos de Francisco: balanço e perspectivas** / Francisco de Aquino Júnior; Ney de Souza (org.). São Paulo: Editora Recriar, 2023. p.77-95.

MANZINI, Rosana. **Igreja em diálogo com o mundo moderno** *Gaudium et Spes*, in, ALMEIDA, MANZINI, MAÇANEIRO. **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo** / [organizadores] João Carlos Almeida, Rosana Manzini, Marcial Maçaneiro. – Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013. p.211-240.

MARIANI, Ceci M.C. Baptista. **A espiritualidade do papa Francisco: sob a inspiração de Francisco de Assis e Inácio de Loyola**, in, JÚNIOR, Francisco de Aquino e SOUZA, Ney de. **10 anos de Francisco: balanço e perspectivas** / Francisco de Aquino Júnior; Ney de Souza (org.). São Paulo: Editora Recriar, 2023. p.55-76.

MATTEI, Roberto de. **O Concílio Vaticano II – Uma história nunca escrita.** – [Tradução Maria José Figueiredo]. – Ambiente & Costumes Editora Ltda., 2013.

MULLER, Paulo Eduardo. **A Cristologia na Evangelii Gaudium, uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo.** – Dissertação apresentada ao PPG-teologia da Escola do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação - Faculdade ou escola programa de pós-graduação em teologia mestrado em teologia sistemática, PUCRS. Porto Alegre, 2018, p.109. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8459/2/Paulo%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Mestrado%20em%20Teologia%20-%20Paulo%20PUCRS.pdf>. Acesso em: 21.fev.2024.

NUNES, Marcus Vinicius de Souza; SACANNONE, Juan Carlos. **A Teologia do povo: Raízes teológicas do Papa Francisco.** São Paulo: Paulinas, 2019. – Encontros teológicos, Florianópolis, v.34, n.3, set.-dez.2019. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1585/1257>. Acesso em 20.out.2023.

O'MALLEY, John W. **O que aconteceu no Vaticano II** / John W. O'Malley; tradução Barbara Theoto Lambert. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Igreja e sociedade**, in, JÚNIOR, Francisco de Aquino. **10 anos de Francisco: balanço e perspectivas** / Francisco de Aquino Júnior; Ney de Souza (org.). São Paulo: Editora Recriar 2023. p.237-257.

PASSOS, João Décio. **50 anos de Medellín: Carisma vivo na História em mudança**, in, SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. **Medellín, profetismo e esperança na América Latina** / Ney de Souza, Emerson Sbardelotti, (organizadores). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p.122-147.

\_\_\_\_\_. **Método teológico** / João Décio Passos. – São Paulo: Paulinas, 2018. – (Coleção teologia do Papa Francisco).

PAULO VI [PAPA]. **Exortação Apostólica: *Evangelii Nuntiandi*** [EN]– Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html). Acesso em: 26. abr.2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto *Inter Mirifica*** [IM] - Decreto sobre os Meios de Comunicação Social. Cidade do Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1963. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19631204\\_inter-mirifica\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html). Acesso em: 27.mar.2024.

PESCE, Padre Francesco. **Francisco e a Igreja em saída, para estar próximo da dor do mundo inteiro**. Vatican News 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/francisco-e-a-igreja-em-saida-para-estar-proximo-da-dor-do-mund.html>. Acesso em: 20.fev.2024.

PINAS, Romildo Henrique. **A educação para a sinodalidade comunhão na igreja contemporânea**, in, SILVA, Dayvid da e NOBRE, José Aguiar. **O projeto de Francisco: Evangelização, Ecologia, Economia, Ecumenismo e Educação** / Dayvid da Silva, José Aguiar Nobre. São Paulo: Editora Recriar, 2022. p.347-370.

PRATES, Dr. Fr. Lisaneos. **A V conferência de Aparecida e a Tradição da Igreja Latino-Americana: avançar ou retroceder.** – Revista Eletrônica espaço teológico (RevEleTeo). Edição n.1, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6730/4867>. Acesso em: 20.out.2023.

QUINTA, Padre Manoel. **A Igreja povo de Deus.** Revista vida pastoral. publicado em número 135 – p.9-12. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/a-igreja-povo-de-deus/#:~:text=A%20marca%20distintiva%20do%20Povo,sacerdotal%20pela%20fun%C3%A7%C3%A3o%20do%20Esp%C3%ADrito>. Acesso em: 20.fev.2024.

RICHARD, Pablo, **Puebla à luz da palavra de Deus**, in, SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência** / Ney de Souza, Emerson Sbardelotti (organizadores). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p.101-109.

SCANNONE, Juan Carlos. **A Teologia do Povo: raízes teológicas do Papa Francisco** / Juan Carlos Scannone; [tradução Jaime A. Clasen]. – São Paulo: Paulinas, 2019. – (Coleção Francisco).

SILVA, Maria Freire da. **Aspectos do pensamento de Papa Francisco em dinâmica pericotérico-trinitária.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil. Revista Pistis e Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 8, núm. 3, septiembre-diciembre. 2016, p.860-875. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449755227002.pdf>. Acesso em: 20.fev.2024.

SILVA, Paulo Ricardo da. **A Misericórdia como método teológico: O princípio da conversão pastoral a partir do pontificado do Papa Francisco** / Paulo Ricardo da Silva. – Campinas: PUC-Campinas, 2022, 56 p. Trabalho de curso (Bacharelado em Teologia) – Centro de Ciência Humanas e Sociais aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16652/cchsa\\_teologia\\_tcc\\_silva\\_pr.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16652/cchsa_teologia_tcc_silva_pr.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 19. fev.2024.

SILVA, Renê Augusto Vilela da. **Igreja Católica e a cultura digital como espaço de evangelização.** Edição v. 53 n. 1 (2023): Evangelização nos Meios Digitais / Comunidades

Eclesiais Missionárias. Revista da Teologia da PUCRS, Teocomunicação, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-7, jan.-dez. 2023. - Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/44465>. Acesso em: 27.mar.2024.

SOBRINHO, Felipe Cosme Damião. **Francisco e o Vaticano II: Os desafios da recepção do Concílio e a reforma da Igreja**, in, SILVA, Dayvid da e NOBRE, José Aguiar. **O projeto de Francisco: Evangelização, Ecologia, Economia, Ecumenismo e Educação** / Dayvid da Silva, José Aguiar Nobre. São Paulo: Editora Recriar, 2022. p.30-43.

SOUZA, Ney de. **Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007) um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe**. – Revista de Cultura Teológica – v.16 – n. 64 – JUL/SET 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15533/11599>. Acesso em: 20 set 2023.

\_\_\_\_\_. **Francisco, filho do concílio e da teologia latino-americana**, in, JÚNIOR, Francisco de Aquino e SOUZA, Ney de. **10 anos de Francisco: balanço e perspectivas** / Francisco de Aquino Júnior; Ney de Souza (org.). São Paulo: Editora Recriar, 2023. p.13-27.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja na América Latina** / Ney de Souza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. – (Coleção Iniciação à Teologia).

\_\_\_\_\_. **História da Igreja: notas introdutórias** / Ney de Souza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. – (Coleção Iniciação à Teologia). p. 122-147.

\_\_\_\_\_. **Puebla, antecedentes e evento**, in, SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência** / Ney de Souza, Emerson Sbardelotti (organizadores). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p.69-81.

\_\_\_\_\_. **Vaticano II e a Sinodalidade**, in, LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa e SANTOS, Thales Martins dos. **Sinodalidade e pastoralidade: olhares diversos** / organizado por Antônio de Lisboa Lustosa Lopes, Thales Martins dos Santos. – São Paulo: Paulus, 2022.

\_\_\_\_\_. **Vaticano II, preparação e discussões antes da abertura do concílio**, in, ABREU, Elza Helena de; SOUZA, Ney de. **Concílio Vaticano II: memória e esperança para**

**os tempos atuais** / Elza Helena de Abreu, Ney de Souza (orgs.). – São Paulo: Paulinas: UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2014. – (Coleção teológica, interdisciplinaridade e sociedade). p.69-82.

SOUZA, Waldir; NASCIMENTO, Rivaél de Jesus. **Papa Francisco e suas reformas para uma Igreja em saída diante de novos apelos da humanidade**. Revista de cultura teológica. Ano XXIX – nº 100 – set-dez 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/55377/38601>. Acesso em: 24.out.2023.

ULLOA, Boris Agustin nef; BARBOSA, Andriana Guimarães. **A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco**. *Franciscanum* 172, Vol. LXI (2019): p.1-19. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-14682019000200009#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20%C2%ABcultura%20do,em%20suas%20diversas%20culturas3](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-14682019000200009#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20%C2%ABcultura%20do,em%20suas%20diversas%20culturas3). Acesso em 20.fev.2024.

WOLFF, Elias. **A recepção do Magistério do Papa Francisco pela Igreja Católica no Brasil: princípios e urgências para a missão**. Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v.19, n.59, p.802-832, maio/ago.2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/26355>. Acesso em: 21.fev.2024.

\_\_\_\_\_. **O alcance ecumênico do pontificado de Francisco (IV – ecumenismo) in** SILVA, Dayvid da; NOBRE, José Aguiar. **O projeto de Francisco: Evangelização, Ecologia, Economia, Ecumenismo e Educação** / Dayvid da Silva, José Aguiar Nobre. São Paulo: Editora Recriar, 2022. p.267-286.